

RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA

2

Através do Instituto.

S

atutit

17-10-1917

1917

Através do Instituto.

BOLETIM
RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA

Composto e Impresso nas Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier, L.da — BRAGA

Sumário

Introdução	3
Exortação pontificia	5
PROVÍNCIA PORTUGUESA — Actividades Missionárias	
Quelimane — Colégio Nun'Alvares	6
Missão Morrumbala — Instantâneos	10
Pebane — Missão do Bom Pastor	12
Vila Junqueiro — Colégio do S. C. de Maria	14
Dondo — Escola de habilitação	16
Lourenço Marques — Residência Universitária	23
Missões — Trabalho de rectaguarda	23
PROVÍNCIA DE NEW YORK	
Marymount College — Tarrytown	25
REGIÃO DA COLÔMBIA	
Bogotá	27
Medellin — Marmount School	33
Barranquilha — Marymount School	34
PROVÍNCIA DA CALIFÓRNIA	
Cuernavaca — México	35
VICE-PROVÍNCIA INTERNACIONAL	
Missão St. Killian — Rusépe, Rodésia	36
A Rv. Madre Geral no Nordeste do Brasil	41
Bodas de Ouro	49
Necrológio	50
Graça do Padre Gailhac	64

Introdução

«*ATRAVÉS DO INSTITUTO*» apresenta-nos, nas páginas do seu segundo número, uma informação sumária dos trabalhos e apostolado missionário a que se dedicam as Religiosas do Sagrado Coração de Maria nos países de missão.

As missões de Moçambique e da Rodésia do Sul, em África, são uma consoladora realidade e vão-se multiplicando em novas fundações, numa expansão rica de promessas. A primeira de entre estas, a anunciar-se no horizonte africano como esperançosa aurora, será em Zâmbia, num futuro breve. Cabe à Província de Inglaterra e Irlanda a glória desta iniciativa e a generosidade que ela supõe; mas Deus, que é infinitamente magnânimo prepara, sem dúvida, bênçãos especiais, em resposta ao sacrifício que esta expansão exige.

Nos desígnios de Deus, manifestados através dos acontecimentos, parece ser também esta a hora da Ásia para o nosso Instituto.

Atendendo ao convite do Bispo de Guntur, D. Inácio Mummadi, a Rev. Madre Magella O'Brien e eu fomos à Índia estudar as possibilidades de uma fundação naquela Diocese. E ficámos convencidas ser da vontade de Deus que novos rumos missionários se abram ao nosso Instituto, naquele imenso país.

Vimos vivamente impressionadas com a religiosidade daquele povo, com o sorriso afável com que acompanham o gesto de saudação — mãos erguidas como que em prece — com a sua extrema pobreza e com a ânsia de valorização intelectual. As escolas cristãs enchem-se desde que se abrem, e as crianças aparecem de toda a parte. Mesmo os hindus preferem as escolas dirigidas pelas Irmãs. É fácil encontrar escolas com 1.000, 1.500, 2.000 crianças.

Em S. Joseph's School, onde estivemos hospedadas, a frequência é de 2.800 alunas! Simples, abertas e acolhedoras, estas crianças confiam nas religiosas e têm grande simpatia por elas. Assim se explica o elevado número de vocações em todos os Institutos religiosos. É sugestivo o caso de uma Congregação italiana que está há 16 anos na Índia e tem mais de 200 religiosas indianas, com um Noviciado de 90 noviças!

Com toda a simplicidade, uma mocinha de 17 anos que frequenta um «College» em Secunderabad, disse-nos que queria ser religiosa no nosso Instituto. Foi no dia de S. José — 19 de Março. É certamente um presente do Santo no dia da sua festa ...

Estas numerosas vocações são, sem dúvida, a expressão das bênçãos de Deus sobre aquele povo, que vive, em grande parte, em condições infra-humanas de vida e que sofre com tanta resignação os efeitos da sua extrema pobreza.

Se o mundo inteiro deve ser abrangido pelo zelo de uma filha do Padre Gailhac, que a Índia nos mereça agora um lugar especial em nossas orações e sacrifícios pela salvação das almas.

A generosidade das duas Províncias dos Estados Unidos e das Vice-Províncias, que mandarão religiosas para esta primeira fundação na Índia, estou certa será amplamente abençoada por Deus com numerosas vocações.

Margarida Maria Gonçalves, RSCM
Superiora Geral

Exortação pontifícia aos Missionários

Na Sala do Trono, o Santo Padre recebeu um grupo de cerca de cem Missionários e Missionárias de 15 Congregações, que se prontificaram a partir para o campo de apostolado em Uganda, Congo, Tanganica, Kênia, Rodésia, Niassalândia, Ruanda, Burundi, Madagascar, Turquia e África do Sul.

Saudado por uma vibrante aclamação, o augusto Pontífice dignou-se dirigir a esse grupo escolhido as seguintes palavras de exortação, que depois resumiu em inglês, alemão e italiano:

«Queridos Filhos e Filhas! ao partir para as missões, não quisestes passar por Roma sem vir buscar a bênção do Vigário de Cristo. A vossa presença aqui, nesta manhã, comove-Nos profundamente. Ela desvenda aos olhos da Nossa alma a extensão imensa pela qual ides espalhar-vos, para levar às almas a fé em Cristo, para lhes mostrar o verdadeiro perfil da Igreja, esta Mãe carinhosa que envia os melhores dos seus filhos às almas mais distantes e mais abandonadas.

Ide, queridos Filhos, ide com a serena tranquilidade de quem sabe que faz uma coisa agradável a Deus, útil à Igreja e abençoada pelo Papa. E, se acaso vos sentirdes, por vezes, invadidos pelo cansaço em meio do vosso árduo trabalho, lembrai-vos então disto: o Papa pensa em nós, ora por nós, ama-nos e está connosco.

E isto não será mera efusão sentimental, porque, quem pode com mais justa razão considerar-se e sentir-se próximo do Papa, do que aquele que é «enviado» por ele, que é por isso seu colaborador, seu intérprete, seu representante: «cooperatores ministerii nostri (Pontificale Romanum), qui mecum laboraverunt — neste caso, laborabunt — in Evangelio» (Fil. 4,5)?

Vós trabalhais pelo Evangelho, segundo uma disciplina aprovada pela Igreja e é precisamente na aceitação desta disciplina que está para vós o «mandato», a transmissão da missão evangélica, o qualificado trabalho do apóstolo autorizado e autêntico. Ora, a principal fonte do apostolado fundado por Cristo, é o Papa. Sendo fiéis à união hierárquica, podeis dizer com todo o direito: é a Igreja que me envia, é o Papa que dá valor à minha obediência e a bênção.

Sim, queridos Filhos e Filhas, não temais: a bênção do Papa acompanha-vos. Levai-a convosco. Quando chegardes ao vosso campo de apostolado, transmiti-a, com a Nossa paternal e afectuosa saudação, a todos aqueles que lá vos esperam e sobre os quais invocamos desde já, assim como sobre vós, os mais abundantes favores divinos».

Provincia Portuguesa

Quelimane - Colégio Nun'Alvares

É um Colégio, a Casa de Quelimane. Tem, anexo, um Lar para alunas do Liceu e Escola Técnica.

Fica situado numa pequena cidade da Zambézia que está em franco desenvolvimento. A população, branca ou mista, é constituída por funcionários do Governo, médicos, advogados, comerciantes e empregados das companhias exploradoras das riquezas da região, porque a Zambézia é rica de produtos naturais! Região onde se encontra o maior palmar do mundo, que dá à paisagem a sua feição característica, e onde se explora o coco de que se obtêm numerosos produtos, entre os quais a copra, que dá óleo para fabricar sabão. Da fibra fazem-se cordas e tecidos grosseiros.

Meio trabalhador, à custa, muitas vezes, de grandes sacrifícios!

É um grande campo de acção, o Colégio que, além de ministrar a cultura que todos os pais desejam para os seus filhos, procura acordar nos jovens a fome de alguma coisa mais acima do material que todos buscam tão afanosamente.

Não é fácil a missão que o Senhor nos confiou, pois, continuamente, a sociedade e as famílias, com o seu modo de pensar e agir, muitas vezes contrário aos princípios cristãos, atenuam ou até inutilizam o efeito dos nossos esforços.

Para, de um modo mais directo, atingirmos também os adultos, temos organizado reuniões de Pais e de Antigos Alunos, que têm despertado muito interesse.

Além dos filhos de famílias brancas, temos também alguns alunos

Actividades Missionárias

negros, geralmente inteligentes e trabalhadores, mas com uma psicologia própria, que é preciso conhecer e saber conduzir, para fazer deles autênticos cristãos. Mais difíceis, ainda, de entender e educar, são os mistos, pois neles guerreiam as características da raça branca e da raça negra. Há ainda Indianos, de pele bronzeada, ótimos alunos em matemática, mas com grande dificuldade no Português, por não o falarem em casa.

É evidente que nem todos os alunos do Colégio são cristãos, mas todos assistem às aulas de Religião, embora os Maometanos e hindus não sejam obrigados a ir à Capela. Nota-se, em todos, um grande respeito pelas coisas religiosas e, sobretudo nos Maometanos, um grande espírito de disciplina, aplicação ao estudo, correcção de maneiras, modéstia no porte, que, por vezes, não encontramos nos nossos cristãos. Mas é muito difícil a conversão de um Maometano, porque isto implicaria um corte absoluto com a família e esta é muito unida, ajudando-se todos na luta pela vida. Esperamos, no entanto, que, deste contacto com a verdade, alguma parcela lá fique e, ao menos na hora derradeira, se confiem ao único Salvador — Jesus.

Como complemento e auxiliar da Educação, existe no Colégio a Congregação Mariana para rapazes e meninas, cujos membros vão, nas tardes de sábado, ensinar o Catecismo nas «Tembas» à volta da cidade. (Chama-se «temba» a um grupo de palhotas, geralmente de paredes de barro e cobertas de folhas de palmeira.)

Os negros que aí vivem são serventes nas lojas ou nos edifícios públicos, cozinheiros ou criados em casas de família, mas vão sempre, à noite, para a sua palhota. As mulheres passam o dia na «Temba». Olham pelos filhos e cultivam a «machamba» do arroz e da mandioca. É, pois, muito mais fácil aos homens, mais desenvolvidos, compreenderem as verdades da Fé.

Quase todas as crianças frequentam as Escolas do Estado onde, a par dos programas oficiais, lhes são dadas algumas noções de Catecismo. Três das nossas religiosas vão semanalmente às Escolas para lhes ministrarem este ensino. São atingidas cerca de seiscentas crianças de todas as raças, cuja maioria não está ainda baptizada.

Uma religiosa dá às alunas do 4.º e 5.º ano umas noções de puericultura, dentro das actividades da M.P.F.. Têm, como complemento e aplicação, o tratamento dos bebés pobrezinhos nas suas palhotas. Cada sábado vai um grupo de alunas, acompanhadas pela religiosa orientadora, ensinar às mães como devem cuidar dos seus filhos, mostrando-lho na prática e deixando ficar algumas roupinhas para os bebés.

As Legionárias de Maria visitam os doentes no Hospital e ensinam também Catecismo nas «Tembas».

Além das actividades do Colégio, todas as religiosas procuram, na medida das suas possibilidades, dedicar-se à obra da evangelização. Vão aos domingos às «Tembas», algumas vezes acompanhadas pelas alunas, despertar nas almas o desejo de salvação. Em quase todas está organizado o ensino do Catecismo. Numa ou noutra, já há algumas famílias cristãs.

Todas as tardes, vem ao Colégio um grupo de pequenos homens, mulhe-

res e crianças, que uma religiosa está a preparar para a recepção do Baptismo e do Matrimónio. Pertence a este grupo o casal que, no Sábado Santo, recebeu o Baptismo e o Matrimónio, e no Domingo de Páscoa fez a primeira Comunhão.

Estavam tão felizes, a Joaquina e o António, quando, depois de receberem os Sacramentos, aqui vieram agradecer, com os rostos de ébano rebrilhando de alegria e parecendo ainda mais negros, por sobressairem nos factos brancos! Foi-lhes oferecido um pequeno banquete para festejar esse dia.

São sessenta os homens que todas as noites recebem uma hora de instrução, dada por duas religiosas e um catequista negro, como preparação próxima para o Baptismo. Também, na Igreja Paroquial, uma religiosa, ajudada por algumas alunas, dá uma hora diária de Catecismo a cerca de noventa crianças.

Semanalmente, duas religiosas visitam as cadeias, onde ensinam Catecismo em «chuabo», dialecto regional, e em português.

Está também organizada, para homens negros, uma Confraria de S. José. Já tem vinte membros, dos quais quinze são cristãos e cinco catecúmenos. Têm, como padroeiro, S. José, modelo dos operários. Todos os Domingos há uma reunião no Colégio em que, depois da leitura e comentário do Evangelho, cada um dá conta do trabalho apostólico realizado durante a semana. Entregam, em anonimato, o tesouro espiritual e uma pequena esmola. Estão a preparar-se para o entronização e consagração das suas famílias aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria. Um dos membros, que deve fazer este ano o exame do ciclo preparatório da Escola Técnica, tenciona entrar no Seminário.

Se, muitas vezes, se não vê fruto algum de todo este esforço e trabalho, outras vezes temos grandes consolações. Já este ano foram baptizados três alunos do 1.º ano e preparam-se mais três para receberem o Baptismo no próximo mês de Junho.

Há famílias que vivem cristãmente e, em muitos rapazinhos, germina a vocação sacerdotal ou religiosa. Um dos primeiros que o Senhor chamou, estuda em Lourenço Marques e vai fazer este ano os Votos Perpétuos na Congregação dos Irmãos Maristas.

No Seminário da Congregação do Coração de Jesus, em Nauela, estudam seis rapzes que dão muitas esperanças de virem a ser, um dia, bons Sacerdotes.

A grande esperança da África são estas vocações que começam a despontar aqui e além. Pois, não disse alguém que a Igreja só pode considerar-se verdadeiramente estabelecida em África, quando, não só as famílias viverem uma vida cristã, mas tiverem também Sacerdotes e Religiosos autóctones para a assistência espiritual?

A nossa grande dificuldade é o reduzido número de religiosas para atenderem a tão vastas tarefas.

Este ano estivemos a trabalhar activamente na Campanha das Entronizações e Consagração aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, tanto das famílias dos alunos como das famílias negras, já cristãs. Procurámos,

assim, que a consagração do nosso Instituto fosse acompanhada pela de todos estes Lares.

Algumas famílias têm correspondido muito bem ao nosso apelo, outras nada compreendem e é necessário revelar-lhes todas as riquezas do Coração de Cristo que ainda desconhecem, para que se rendam ao seu Amor infinito.

O Natal, este ano, correu bastante bem. Chegámos a setecentos pobrezinhos. Temos, além das duas Escolas oficiais, oito grupos de catequese a visitar. No dia 23, de tarde, fomos visitar os grupos onde distribuimos açúcar, pão e roupas, e onde ficou um presépio armado.

No dia 28, tivemos dez Baptizados e, no dia 29, mais dois, na Missão de Coalane.

Esperamos que este simples resumo das actividades a que nos dedicamos em Quelimane, leve muitas das nossas Irmãs a desejarem conhecer um pouco da África, e a trabalharem connosco, directa ou indirectamente, para que esta união de todas seja o penhor da descoberta, cada vez mais consciente, de Cristo, por estas almas.

Movimento Missionário no Colégio Nun'Álvares

1963

O Movimento Missionário neste Colégio decorreu, com a graça de Deus, com progressos consoladores durante este ano.

Temos a felicidade de trabalhar com 11 grupos de catequese, 6 dos quais são nas tembas; 2, nas Escolas Oficiais; 1, no nosso Colégio; 1, na Igreja Paroquial; 1, na Cadeia Civil. O conjunto dos catequisandos é de 770.

Durante o ano registaram-se: 28 Baptizados na Igreja; 2 Casamentos; 76 Primeiras Comunhões; 74 Profissões de Fé; 50 Crismas.

Cinco rapazinhos negros foram para o Seminário dos Rev.dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, em Nuaela.

Nas visitas às tembas, aos sábados e domingos, as religiosas são acompanhadas por algumas alunas, Filhas de Maria e Legionárias, que também aí ensinam o catecismo.

Além da catequese, as Legionárias de Maria, acompanhadas pelas religiosas, exercem o seu Apostolado no Hospital de Quelimane, onde distribuem medalhas milagrosas, terços e, por vezes, revistas.

Apesar da actividade já desenvolvida, há ainda bairros perto da cidade, completamente abandonados.

Missão Morrumbala - Instantâneos

Morrumbala é um mundo e é preciso conquistá-lo para Cristo, pelo Coração de Maria.

Diariamente, centenas de almas contactam connosco. Centenas! Numa comovedora romaria que jamais se viu, talvez: sofrimento físico, úlceras asquerosas, criancinhas quase cegas por falta de higiene. Como sofrem as criancinhas!

Com o auxílio de Deus e de tantas almas generosas, há-de surgir na Morrumbala uma obra para a formação das futuras mães africanas que representam, sem dúvida, o futuro da África.

A África tem fome e sede! E quem tem um coração a bater dentro do peito, sente com ela, torturante, esta fome e esta sede. É Cristo que passa faminto! É Cristo que passa sedento!

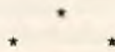


Venham ver o Alface! Vale a pena conhecê-lo. Octogenário, sem dúvida... Chamo-lhe «S. José» e estou certa que S. José não se zanga. Vejam com que satisfação me aperta as mãos e ri e chora e diz coisas lindas que extasiam os Anjos! Onde as aprendeu? Na sua alma boa que a dor lavou e tornou macia e sincera.

— Mas diz lá, Alface, porque é que estás tão feliz?

— É por causa deste caixote que a minha Madre me deu...

Agora o velho Alface já tem onde se sentar. E lá vai ele a murmurar palavras de bênção. Quando chegar à temba é um «homem grande», tem um caixote para se sentar. Juntam-se todos à sua volta, conversam, interrogam. É um acontecimento!



Mesmo em frente, tendo por fundo graciosas montanhas, estende-se uma área muito vasta, à espera de umas casitas simples, pobrezitas e felizes. Que triunfo! Será a aldeia indígena do SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA! O estritamente necessário, o indispensável a uma pessoa humana.

O velho Alface, certamente, não verá esta realização. Não importa. Os seus filhos e netos talvez se sentem num banquinho humilde, lembrando-se do caixote que fez alvoroço na temba. Terão uma casita modesta surgida — quem sabe? — das palavras de bênção do velhinho resignado e manso.

A mãe, desolada, traz-me o seu filhinho de meses apenas.

— Ouça, filha, se o bebé ficar pior, baptize-o, sim? Irá para o Céu como um Anjo lindo, lindo!

Envolto num bocado de véu branco e macio, o bebé lá se vai com a mãe amargurada.

Tarde de Dezembro. 14 horas!

— Minha Madre, minha Madre... O meu filho morreu!

— Foi baptizado?

— Sim, minha Madre. O Senhor Padre foi a minha casa.

— Graças a Deus!

— Como a Madre é aqui nossa Mãe e foi tão boa para o meu filhinho, peço-lhe um farrapo para o enterrar e um caixão...

— O farrapo, sim! Branquinho e limpo, para o Anjo que subiu ao Céu. O caixão é que é mais difícil...

— Ai, minha Madre, então vou deitar o meu filho na terra como um bicho, coitadinho?!

Faço uma busca. Só tenho caixas. Se pedisse o caixote ao Alface... Deus me livre... Pobre do velho! O remédio é lançar mão desta caixa de leite «Nestlé»... Dito e feito. Já tenho trabalho para a leitura e terço. Este tecido bonito veio de Guimarães... Este outro bocado, de Lisboa. A fita, da América, e também os alfinetes... Um bocadinho de cetim para a almofadinha foi prenda da Madre Maria de Assis, do Brasil! Ah! E estes ricos papéis prateados, generosa oferta da Ingrid, do Colégio do Gurué... Mãos à obra! O coração há-de dar às mãos desajeitadas um impulso e uma direcção...

O caixãozinho está uma riqueza! Modéstia à parte, parece mais um andor para um santo bonito!...

Alvorço na temba... Nunca viram caixão tão lindo! Todos acompanham o enterro ao cemitério. O Pai leva aos ombros o querido fardo... Era o seu único filhinho!... Os olhos esbugalhados dos velhos e crianças não se despregam do caixão, que brilha ao sol do entardecer.

E a mãe do Francisco?... Só nos vai dizer uma frase, tão reveladora da alma africana!

— Quando eu tinha o meu filhinho, nem me lembrava de comer, nem sentia fome, nem sabia que era pobre!...

Maternidade verdadeira e rica, abençoada por Deus.

*

* * *

Morrumbala é um mundo e, a todo o custo, é preciso que ela se torne a mais bela conquista do Coração de Maria!

Pebane - Missão do Bom Pastor

Um dia passado connosco ...

Vamos ver se, assim, as nossas queridas Irmãs farão uma ideia da nossa vida missionária, o que, aliás, não é fácil, pois, só vivendo o nosso dia a dia, é possível sentir o que seja uma Missão ...

É verdade que temos um plano de trabalho, horários, etc., mas, a cada instante, a Providência intervém e surge, sem esperarmos, este ou aquele imprevisto. Vou concretizar para não deixar passar a ocasião; depois, reaterei a minha descrição narrativa.

Dirigia-me, certa manhã para o «bazar» — a nossa Escola provisória — que fica perto da nossa casa, para as aulas do 1.º turno — quando vi passar, vinda de Bajone, uma caravanazita de negros chefiados pelo Régulo, que trazia para o Hospital, em estado grave, uma rapariga.

Passaria de largo, se eles não tivessem feito uma paragem em plena estrada. Aproximei-me, indaguei, e imediatamente reconheci neste encontro o dedo de Deus, pois a pobrezita, no estado em que se encontrava, não chegaria ao Hospital que fica a sete quilómetros e meio de distância. Tratei logo de fazer o melhor: baptizá-la, pois não havia tempo a perder.

Ajoelhei-me fervorosamente junto daquela maca de galhos de árvore roliços e fiz algumas perguntas, entremeando palavras em cafre, o essencial para uma afirmativa da paciente. O Régulo, ansioso por prosseguir a marcha, veio ajudar-me e dizer-me: «Sim, sim, pode baptizá-la ...» Assim se tornou cristã a Maria José no dia 10 de Abril de 1964. Consegui arranjar um transporte para a levar mais depressa ao Hospital onde expirou quase logo.

Vejam, queridas Irmãs, como são as horas de Deus!... O mais importante, aqui, é esta disponibilidade... Estaremos à Sua mercê. E sempre a repetição do Evangelho: a «undécima hora» e a «pesca milagrosa ...» Eis a vida missionária!

E agora o nosso dia:

Levantamo-nos às cinco horas e dirigimo-nos à nossa Capelinha particular onde fazemos as «provisões» para o dia. A Santa Missa é às 6 horas. Este dia, que lhes descrevo, é uma sexta-feira e começa com a Consagração de uma família europeia ao Sagrado Coração de Jesus, logo após a Santa Missa. Queremos ver se, até Agosto, todos os lares dos europeus da Vila e dos indígenas bem constituídos, se consagram ao Sagrado Coração de Jesus, em união connosco.

Depois do pequeno almoço, uma das Irmãs vai para as aulas no «bazar», outra fica com os pequenitos da classe infantil, eu vou para o nossa pequenina ambulância e a quarta Irmã, com as duas raparigas internas, vão à «machamba».

Não posso deixar sem um comentário este contacto que tenho com os meus pretinhos, enquanto vou pensando as suas chagas físicas. São momentos deliciosos, plenos de verdadeira felicidade! Não sei quase nada de cafre, mas eles e elas entendem-me e eu entendo-os... Vou enfiando

as palavras soltas que consegui decorar com os verbos no infinito e assim vou arranjando.

Mas, o mais importante, é deixar que eles sintam porque é que, sem mais, nós lhes fazemos o bem ... Então o Espírito Santo se encarrega de nos inspirar, na hora própria, a palavra que será a semente da sua graça. Isto é muito importante! A nós, o lavar e o semear e ter confiança ... O resto é com Deus ... Por isso, rezem connosco e por nós, pois só a oração e o sacrifício podem fecundar esta seara.

Temos as aulas alternadas até às doze horas com um intervalo para o lanche, para o exame, às dez. Após o almoço, um descanso até às 14 horas e, a seguir à leitura, a Madre Xavier e a Irmã Inês visitam as tembas nas segundas, quartas e sextas-feiras. Os habitantes das tembas são quase todos maometanos, mais por tradição do que por convicção. Ao princípio sentiam por nós certa desconfiança que aos poucos se foi transformando em franca simpatia. Haja em vista o número crescente de raparigas que, espontaneamente, vêm para junto de nós ... Nessas visitas, elas fazem as suas «pescarias» e vão encontrando as ovelhas extraviadas. É bem grande o número de cristãos vindos de outras terras, que aqui se fixam por causa do trabalho, e que, às vezes, se encontram em estado moral bastante lastimável.

As tembas ficam bastante afastadas e é preciso muito tempo para estas visitas. Estamos a organizar, sob a orientação do Rev.do Padre Superior, um ficheiro com as inscrições dos cristãos, catecúmenos e simpaticizantes. Só assim conseguimos reunir esses cristãos vindos de outras terras, a fim de os chamarmos ao dever.

Geralmente, a primeira visita às tembas não estimula muito o nosso zelo, porque somos, por natureza, apressados; queremos tudo de uma vez: lavar, semear e colher!... Mas o negro não é nada apressado ... As grandes virtudes do missionário são a paciência e a compreensão. Temos de aceitar neles aqueles fios de corda, já pretos e sujos, que eles prendem ao pescoço e à cinta das crianças e, pouco a pouco, substituí-los pelos nossos cordões com as medalhas de Nossa Senhora.

Há casos em que sentimos baldados todos os nossos esforços... Para a pobre velha «caçoana», mãe de um dos nossos adultos da aula da noite, maometana ferrenha, e que já não tem esperança de cura, pedimos um «memento» especial. O filho vai ser baptizado, se Deus quiser, muito brevemente.

Às 17,30, as duas Irmãs voltam a casa para fazerem a adoração da tarde. Às 18,30, a Madre Xavier vai ajudar-me na aula da noite até às 19,30. É pertinho de nossa casa e lá estão, assíduos e cheios de boa vontade, os nossos alunos crescidos.

A Irmã Maria e eu vamos também, depois da leitura, todos os dias úteis, para o segundo turno de aulas, só para raparigas da 1.^a e 2.^a classe. Ajuda-nos um rapaz que já fez connosco a 4.^a classe, filho de um maometano, mas que já tem licença e muito breve será também cristão, se Deus quiser.

Essas raparigas vêm também, aos sábados de manhã, para a costura. Algumas só vão a poder de muitos actos de paciência... Enfim, vão-se habituando à agulha e às linhas e, como tem acontecido, acabam por gostar e saber apreciá-las.

Das 17 às 18 horas fazemos, as duas, a adoração, a fim de a Irmã Maria ir depois preparar-nos o jantar, ajudada pelas duas negritas internas, enquanto eu sigo para as aulas da noite com os adultos.

Depois do jantar, temos o nosso recreio, pois é este o contacto certo da pequenina comunidade. Descanso tão precioso quão necessário, pois temos que aumentar cada dia a nossa provisão para podermos conjugar bem o verbo «dar» sem regatear...

Minhas queridas Irmãs, rezem muito, muito por nós... Pelas Missões e pelos Missionários. Precisamos de muita coisa, mas de oração e sacrifício, ainda mais!

O Apostolado da Oração e a Legião de Maria vão também realizando o seu trabalho silencioso, mas eficiente, graças a Deus.

Vila Junqueiro - Colégio do Sagrado Coração de Maria

O Sol vaidoso salpica de poalha doirada a crista das montanhas!...

As quedas do Licungo, majestosas e soberbas, precipitam-se em cata-dupa sobre o abismo que ri da sua corrida vertiginosa...

O tapete verde das plantações de chá enrola-se nas nuvens que, desprendidas do céu, vêm tocar a terra para a acariciar e beijar...

Na orla dos caminhos, flores em profusão saudam os viandantes com as suas corolas garridas e vistosas...

Saltitantes, de ramo em ramo, passaritos verdes, azuis, vermelhos e amarelos convidam-nos a tomar parte no seu festival matutino...

Tal é o espectáculo que quotidianamente se desenrola diante dos nossos olhos, neste pedacito de terra africana que se chama Vila Junqueiro.

Poesia de imaginação, dirão os que a não conhecem!...

Poesia da natureza, verdadeira, simples e profunda, dizemos nós, e que nos penetra no mais íntimo da alma, fazendo-nos exclamar com o Profeta: «Meu Deus, como Tu és grande nas tuas obras!...»

E foi aqui, nesta terra linda, que um dia — 11 de Fevereiro de 1958 —, as filhas do Padre Gailhac abriram o seu coração para acolher, no mesmo amor, a brancos, pretos e mestiços, sem diferença da raça, religião ou condição social. Pois não são eles todos filhos do mesmo Pai que está no Céu?

E a obra evangelizadora começa!

As crianças, quais passaritos chilreantes, são as primeiras a invadir o Colégio, enchendo-o de vida, de riso e de cor. Desde os pequenitos da classe infantil, com as suas caritas de inocência, até aos grandes de olhar prescrutador no futuro, em todos brilham o mesmo entusiasmo e alegria.

Ao silêncio das aulas sucede-se a alegria ruidosa dos intervalos. Cabe-citas loiras e caritas de ébano, muçulmanos, católicos e pagãos, todos de

mãos dadas, com o mesmo sorriso franco e amigo, se recreiam, ajudam, resolvem dificuldades, trocam impressões.

É assim, neste ambiente de fraternidade cristã, que estes jovens crescem para a vida, transpondo essa barreira social e religiosa que há séculos os desunira e separava. Maravilhas da Verdade Evangélica, triunfo do Amor de Cristo!

Mas a acção das religiosas projecta-se para lá do Colégio, no campo da assistência e elevação moral dos negros.

Há a visita às palhotas, aonde é preciso levar a mensagem de Cristo, tantas vezes ouvida pela primeira vez. É a missionária lá vai com duas ou três alunas. É sábado... A tarde está livre! Duas ou três revistas na mão, um catecismo ilustrado, alguns terços e medalhas e o grupo segue, abrindo caminho entre o capim e os campos semeados de mandioca. Dispersas aqui e acolá, surgem as primeiras palhotas. Umas desertas, porque os seus donos as abandonaram, o que frequentemente acontece, pois, como a bagagem não é muita, os negros mudam de casa como nós mudamos de fato. Outras estão abertas e então começa o nosso trabalho...

Vem primeiro a aula de Português. A sala é pitoresca: o tecto são as nuvens do céu, os bancos, um tronco de árvore, um caixote ou uma lata de óleo virada para baixo.

Depois vem o Catecismo. Este só por meio de figuras se torna compreensível. É a única maneira de interessar o negro e de lhe fazer compreender alguma coisa. Se da Metrópole nos quisessem mandar estampas ou revistas ilustradas, livros e cadernos, que grande jeito nos faziam!

Temos depois a obra da Catequese:

Catequese na Igreja Paroquial. — Todos os Domingos, as religiosas, depois da Missa destinada ao povo, dedicam-se a preparar os novos Catecúmenos para o Baptismo.

Catequese no Colégio. — Todos os dias, às 3 horas da tarde, lá estão aquelas cabecitas negras, de olhos atentos para a Irmã que lhes ensina a palavra da Vida e a estrada do Céu.

Finalmente vem a assistência à mulher negra. Esta está ainda num grau de atraso espantoso. É preciso deitar-lhe a mão e elevá-la. Com este fim, todos os sábados há no Colégio uma aula de costura para as poucas voluntárias que vão aparecendo, aproveitando-se ao mesmo tempo a ocasião para lhes incutir alguns princípios religiosos e educativos. O pior é que não temos máquina de costura e o trabalho tem de ser feito à mão.

Lembramos aqui as nossas grandes benfeitoras americanas que tanto nos têm ajudado! Se vissem a alegria com que abrimos os caixotes!... Piores que as crianças à volta das prendas... Bem hajam, pois, as nossas simpáticas e generosas Irmãs da América e se, para a próxima nos quisessem mandar uns dólares para a compra da tal máquina de costura, então é que nem o Sol se poria nesse dia!...

E falta ainda dizer uma palavrita sobre a visita ao Hospital e à maternidade. Neste campo é que a religiosa encontra oportunidade de reali-

zar sensivelmente a sua missão redentora. Que alegria quando tem de tomar um pouco de água para a derramar sobre a cabecita do bebé!... Como saem quentes de emoção as palavras salvadoras: «Eu te baptizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo».

Quantas almas entram assim no Céu pelas mãos da religiosa!

E ainda haverá quem não sinta vocação missionária?!

A messe é grande, muito grande...

O trigo loureja e perde-se por falta de ceifeiros!

Quem atende ao pedido do Senhor?...

Dondo-Escola de habilitação para Postos Escolares

Depois de três anos de trabalho intenso da parte de religiosas e alunas, a Escola do Sagrado Coração de Maria viveu um dos seus maiores dias, em 11 de Julho de 1964, com a inauguração das suas novas instalações e entrega dos primeiros Diplomas.

Em 5 de Junho de 1964 estavam concluídas as obras de um novo pavilhão iniciado em 22 de Agosto de 1963. No rés do chão, ladeado de amplas varandas, tem um óptimo salão de festas com capacidade para quatrocentas pessoas, um escritório, vestiário e instalações sanitárias. No primeiro andar tem um dormitório que comporta noventa camas com um esplêndido balneário, quartos para duas professoras e enfermaria.

À inauguração e entrega dos primeiros Diplomas assistiram: o Senhor Bispo da Beira que ofereceu a presidência ao Senhor Governador de Manica e Sofala, Director da Repartição Distrital do ensino, Administrador do Dondo e elevado número de habitantes do Dondo e Beira.

Ao corte tradicional de uma fita simbólica e visita às novas instalações, seguiu-se uma Sessão Solene no salão de festas. Após o Hino Nacional, a Madre Directora saudou a assistência, agradeceu a todos os benfeitores e historiou a obra desde o seu início, passando depois a palavra a uma finalista que maravilhou a assistência pela maneira como desenvolveu o tema:

«O que nós éramos;

O que nós somos;

O que desejamos ser...».

A interpretação quase perfeita de alguns coros e a declamação de «Esperança e Realidade», poesia expressamente feita para esse dia, completou a primeira parte da sessão.

Seguiu-se a entrega dos Diplomas a nove finalistas, que receberam também o Programa do Ensino Primário no Ultramar e algumas recordações da Direcção da Escola e habitantes de Nova Maceira, Fábrica de Cimento. A encerrar a sessão, o Senhor Bispo falou sobre o «Ensino Missionário em Moçambique».

Todos ficaram surpreendidos com a maneira como as alunas se apresentaram.

As finalistas continuaram na Escola até fins de Julho, para aperfeiçoarem os seus conhecimentos de culinária e puericultura.

Antes de irem para férias, e com grande entusiasmo, todas as alunas fizeram algumas gravações destinadas às Religiosas do Sagrado Coração de Maria e suas Alunas da Metrópole, enviando-lhes também uma bobine com a Sessão Solene.

População Escolar no início do Ano Lectivo de 1963/64:

Ano preparatório	— 24
2.º Ano	— 15
3.º Ano	— 10

O *Corpo Docente* é constituído por seis Religiosas.

A selecção das alunas é feita ao longo do ano, o que explica o reduzido número de reprovações. Logo que o *Corpo Docente* reconhece a incapacidade de uma aluna, esta regressa à sua Missão, onde a sua formação é orientada noutro sentido.

Perderam o ano por doença:

Preparatório	— 1
3.º Ano	— 1

Desistiram por incapacidade intelectual:

Preparatório	— 5
--------------	-----

Reprovaram:

Preparatório	— 1
--------------	-----

Transitaram ao ano imediato:

Preparatório	— 17
2.º Ano	— 15

Concluíram o curso: 9

Todas as alunas trabalharam o melhor possível. As finalistas fizeram um rigoroso estágio na Escola Paroquial e foram admiráveis na maneira como empregaram as suas pequenas economias, gastas quase totalmente na aquisição de material didáctico, para o início da sua vida profissional. Tudo foi exposto ao público no dia da recepção dos Diplomas, causando surpresa geral. O material de algumas foi adquirido ao longo de todo o curso e não sómente no 3.º Ano.

Para quem conhece bem o meio familiar destas raparigas e a sua mentalidade três anos atrás, quando vieram para a Escola, isto é, de facto, impressionante.

Férias:

Como de costume, todas as alunas mantiveram correspondência com as suas professoras, o que se verificou ser um óptimo meio de formação e uma assistência indispensável para um trabalho eficaz de cada uma, na sua povoação.

As alunas do 3.º Ano fizeram um interessante diário das suas actividades, cujos extractos vêm sendo publicados, desde Janeiro, num semanário de Lourenço Marques, «O Oriente».

Uma delas confiou ao seu diário a maneira como conseguiu arrancar à poligamia o seu próprio Pai e como este exprimia a sua grande felicidade: «Minha filha, que Deus te conserve o bom coração que te deu. És o meu Anjo...»

Algumas conseguiram afastar as jovens dos absurdos costumes que precedem o casamento; outras conquistaram a confiança dos velhos que tanta influência exercem sobre os novos, ensinaram costura a suas mães, irmãs e vizinhas, etc. .

Em todos os diários se nota a preocupação em aproveitar todas as ocasiões para instruir, educar e ganhar simpatia, como base de futuro trabalho.

Todas as dificuldades encontradas nestes dois meses de acção foram estudadas com as religiosas, umas logo no regresso de férias, outras ao longo do ano, na ocasião mais apropriada.

Actividades circum-escolares

Outubro de 1963 — Todas as alunas tomaram parte activa no GRANDE ENCONTRO DA JUVENTUDE da Diocese da Beira.

Dezembro, 15 — Todas se associaram a uma Jornada da Juventude da Beira, realizada na «Lusalite», Dondo. A elas e aos Escuteiros da Beira coube o encargo da parte recreativa, de que se saíram muito bem.

Dezembro, 21 — Foram convidadas para a Sessão Recreativa de um Encontro Familiar da L.O.C. e L.O.C.F. da Beira, tendo agradado a todos.

Janeiro de 1964 — No dia 5 deste mês foram novamente convidadas para colaborarem na parte recreativa de um Encontro entre vários membros da A. C. e pessoas

das suas relações, realizado no campo. Foi apenas um grupo de 15 alunas com uma religiosa e de tal modo interpretaram os seus números cómicos, que fizeram chorar de riso muitos espectadores.

Em Abril, as finalistas tomaram parte na Semana de Estudo sobre «Promoção social da Mulher Nativa», realizada na Beira e organizada pelo Serviço Extra-Escolar. Para este fim, a P.S.P. pôs à disposição da Escola uma carrinha, cuja gasolina foi oferecida pelo Ex.mo Senhor Governador do Distrito. Participaram ainda na segunda Jornada da Juventude.

Maio, 10 — Na comemoração das Encíclicas Sociais pelo meio operário da Beira, as alunas ofereceram a parte recreativa no salão de festas, ainda em construção. Foi uma finalista que, ao microfone, orientou a sessão, conseguindo que todos os assistentes tomassem parte activa em alguns números.

Julho, 29 — Quase na véspera de partirem, as finalistas tiveram a dita de tomar parte na triunfal recepção do entusiástico povo da Beira ao Chefe do Estado. Algumas, briosamente fardadas, representaram o Centro da M. P. F. da Escola.

J. A. C. F.

O núcleo formado nesta Escola há dois anos continua a realizar um óptimo trabalho, irradiando agora em várias direcções:

- Aos domingos, há uma hora de formação para mulheres, raparigas, meninas e rapazinhos, separados em quatro grupos.
- Três vezes por semana, aula de costura para mulheres e duas vezes pelas raparigas.
- Aulas de costura às alunas da Escola Paroquial três vezes por semana, divididas em pequenos grupos.
- Diariamente, uma aula de Português para mulheres e raparigas.
- Aos sábados e Domingos, visitas às famílias a que pertencem as mulheres e raparigas que frequentam as aulas de formação e costura.
- Aos Domingos de tarde, um grupo de alunas sacrifica o seu passeio para visitar os presos e ensinar-lhes catecismo. Vão acompanhadas de uma religiosa.

Para o estudo de costumes primitivos, reuniram-se, algumas vezes, mulheres e raparigas.

A aluna que orientou uma destas reuniões, sobre o grave problema da iniciação das raparigas, falou em português por desconhecer o dialecto local, servindo-lhe de intérprete uma companheira.

São as próprias mulheres e raparigas que agora se encarregam de trazer as companheiras e abrem-se, em conversa particular, à cerca dos mais íntimos problemas da sua vida familiar. Em geral, as alunas não respondem logo às suas objecções, mas tomam nota no seu caderninho pessoal e só na semana seguinte, depois de estudados convenientemente os problemas com as religiosas, dão o seu parecer, em reuniões previamente marcadas, provocando os mais abertos e interessantes diálogos.

Agora são as mulheres e raparigas que pedem reuniões análogas para maridos e noivos.

Todas estas actividades são realizadas pelas alunas, cuidadosamente preparadas pelas religiosas.

Catequese

Aos sábados, de manhã:

- Três religiosas e seis alunas vão à Escola oficial do Dondo.
- Uma religiosa e quatro alunas, à Escola oficial de Nova Maceira.
- Uma religiosa e quinze alunas, à Escola Paroquial.

Aos sábados, de tarde:

— As religiosas e alunas que dão catequese nas Escolas Officiais, reúnem novamente as crianças para uma hora de formação religiosa e litúrgica.

— Algumas das alunas vão ensinar catecismo aos centros de formação, nos arredores da vila.

Aos domingos:

— Depois da Missa Paroquial, uma religiosa dá uma aula de formação a homens e rapazes cristãos, catecúmenos, ou pagãos.

Pelo Natal, organizou-se uma campanha de presépios que encheu de entusiasmo a pequenada.

Nas férias, Julho e Agosto, as religiosas tomam a seu cargo a preparação dos alunos que fazem a Primeira Comunhão em 15 de Agosto.

Retiros e Cursos:

Todas as alunas fizeram um retiro de três dias, em Março, sob a orientação de um sacerdote jesuita.

Em Novembro teve lugar um curso de formação sobre o trabalho jacobino, orientado pelo Eng. Carlos Vaz de Sousa.

Só quem acompanhou as alunas nestes dias pode avaliar a seriedade que puseram neste trabalho e o rendimento dos seus esforços.

Visitas de Estudo

Fábrica de Cimento — 3.º Ano

Fábrica de Lusalite — 2.º e 3.º Anos

Jardim Zoológico da Beira — 3.º Ano

Os passeios e visitas de estudo são cuidadosamente preparados na semana precedente e comentados em pormenor na semana seguinte.

Para melhor conhecer o ambiente familiar das alunas, a Madre Directora, acompanhada de outra religiosa, deslocou-se à região de Tete, onde visitou as famílias de algumas e diversas Escolas em povoações do interior. Aproveitaram esta oportunidade para trocar impressões com o Corpo Docente da Escola Normal Masculina de Boroma, onde muitas das suas alunas têm os noivos.

A formação destes novos lares exige uma atenção especial, para que, depois, realizem uma vasta acção civilizadora no interior.

Festas:

Como de costume, solenizaram-se todas as Festas litúrgicas e feriados Nacionais.

No dia 10 de Junho realizou-se um concurso de danças regionais. Os diversos grupos de alunas apresentaram coisas muito interessantes que nos servirão de base para a organização de alguns números de folclore local, próprio para todas as raparigas.

No dia 30 de Maio, as alunas do 2.º e 3.º Anos participaram na festa de encerramento das actividades da M. P. da Beira no salão da Escola Técnica, apresentando uma dança minhota e outra moçambicana. Esta, intitulada «Caça às Gazelas», foi muito apreciada por toda a assistência e, como foi uma criação do rancho folclórico da Escola, entusiasmou professoras e alunas no trabalho empreendido em favor do folclore local.

M. P. F.

Funciona nesta Escola um centro da M. P. F., cujo objectivo é perfeitamente compreendido pelas alunas. Desejam que esta Organização publique revistas e boletins de dirigentes adaptadas ao seu meio, e lhes proporcione encontros com filiadas de outros centros, capazes de se collocarem ao seu nível e serem para elas verdadeiras camaradas.

Visitas recebidas na Escola:

O livro de honra assinala muitos visitantes ilustres, entre os quais: Embaixador Vasco Garin e Ex.ma Esposa, Governador de Manica e Sofala e Ex.ma Esposa, alguns bolseiros do Brasil e Venezuela, acompanhados pelo Eng. das Obras Públicas da Beira, P. Carlos da Obra do Gaiato, D. Félix, Bispo de Tete, D. Ernesto, Bispo de Inhambane, Arcebispo de Lourenço Marques, Sr. António Champalimaud da C.U.F., Maior de Blantyre e Ex.ma Esposa, Senhora Mlanga, Vereadora da Câmara de Blantyre do Malawi, etc..

A Senhora Mlanga mostrou-se muito interessada em todos os pormenores do funcionamento da Escola e, ao despedir-se, afirmou, com a maior satisfação, que era a obra de que mais tinha gostado em Moçambique.

Em Maio recebemos duas visitas em grupo:

— Filiadas da M. P. F. do Liceu Pêro da Maia e Escola Técnica da Beira, acompanhadas pela Adjunta da Delegação Regional.

— Finalistas da Escola Normal de Boroma, acompanhados pelo seu Director, Rev. P. Peixoto, S. J. e um Prefeito.

A visita dos finalistas de Boroma, que durou dois dias, teve um interesse particular. As reuniões e recreios, em conjunto, despertaram muito entusiasmo e algumas alunas tiveram oportunidade de apresentar os noivos às suas mestras. Em algumas cartas recebidas depois desta visita, os novos professores afirmam trabalhar activamente na preparação de raparigas que possam vir a frequentar a Escola. Os rapazes começam a apreciar as raparigas instruídas e a reconhecer-lhes direitos que elas próprias ignoravam.

Indicações várias:

A Escola foi convidada a colaborar num programa da Rádio Pax da Beira, que vai ser transmitido em vários dialectos. As alunas procurarão recolher, durante as férias, tudo o que possa interessar para estas emissões.

Trabalha-se activamente na difusão da boa leitura, mas faz-se sentir intensamente a falta de literatura popular, capaz de interessar tanto os jovens como os adultos.

No trabalho apostólico e social a que se refere este relatório, tomaram parte todas as alunas da Escola, embora as alunas dos últimos dois anos do curso tenham a seu cargo a maior parte.

Projectos:

Alguns deles talvez não passem de puros sonhos, mas, de certo modo, nem por isso deixam de beneficiar as alunas que tanto desejam a sua realização.

O primeiro é, sem dúvida, um cruzeiro à Metrópole, com o objectivo principal de contactar com os meios rurais. Dada a vida simples de alunas e professoras, ao Estado não ficaria muito dispendioso. Pouco mais que as

viagens bastaria, para transformar um grande sonho em proveitosa realidade.

O segundo é a aquisição de uma carrinha que permita intensificar as visitas e passeios de estudo. Estas visitas têm sido condicionadas pelas possibilidades dos benfeitores que oferecem as suas carrinhas ou camiões.

Na Caixa Económica foram já depositadas as primeiras ofertas para este fim, mas estão longe de atingir o necessário.

Os restantes projectos, de mais fácil e rápida realização, estão dentro das possibilidades normais da Escola, contando sempre com os generosos benfeitores que, até hoje, lhe têm permitido a solução de muitos outros.

Lourenço - Marques - Residência Universitária Feminina

A Residência Universitária Feminina abriu em Lourenço Marques, em 22 de Agosto de 1963 e procura ser uma resposta às necessidades das jovens estudantes que frequentam os Estudos Gerais Universitários ou cursos médios.

Foi, atendendo às graves dificuldades que atravessa hoje a juventude estudantil, que o Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria se lançou nesta iniciativa, não ignorando as responsabilidades que ela acarreta, e cujo peso se tem feito sentir, muito particularmente neste começo de uma obra que é nova nas nossas Províncias Ultramarinas, visto que são novas também as condições proporcionadas pelos estudos universitários.

Além da assistência dada às estudantes pensionistas, o Lar tem aberto as suas portas a quantos o têm procurado, para reuniões de estudo de universitários, sessões de diversos organismos da Acção Católica, encontros de Antigos Alunos dos Colégios que o Instituto mantém em Moçambique, etc. É consolador ver como, até os antigos Alunos que estão a prestar serviço militar em Lourenço Marques, gostam de se reunir no Lar, para se encontrarem com as religiosas que os educaram.

Uma religiosa desta Residência está a leccionar no Liceu Salazar, a pedido das entidades oficiais.

Missões - Trabalho de rectaguarda

Nem todas iremos para as Missões!

Apesar de ficarmos a olhar esses hábitos brancos na amurada do último barco de Verão ...

Apesar dessa forte «nostalgia» de África, depois de ouvirmos algumas das nossas Irmãs missionárias nas suas narrativas coloridas de sol, palmeiras e «fome de Cristo»...

Apesar de tão consoladoras palavras na boca dum preto — como nos contava alguém — a respeito do carinho e apreço em que são tidas as nossas Missionárias: «Eu não me importo matar brancos, mas nunca matar Irmãs brancas, amigas do preto!»...

Apesar de tudo isso ... não iremos todas para a África!

Se é verdade que Santa Teresinha é padroeira das Missões sem ter saído do seu convento, não o é menos para nós, missionárias de coração, para quem,

há um trabalho de rectaguarda a fazer. Alguma coisa há já nesse sentido.

Quanto ao aspecto material, têm-se organizado nas nossas casas várias campanhas em favor das Missões. Em Fátima fez-se a «campanha da casa». Em Aveiro juntaram-se esmolas para ajudar a formar Sacerdotes missionários. Em todas as casas foram feitos peditórios, venda de revistas, campanha de peças de pano, etc..

No aspecto espiritual, têm-se organizado núcleos de Liamistas na Guarda, Aveiro e Lar de Lisboa, com reuniões, Horas Santas, conferências, etc..

Na Semana Missionária, além da campanha de orações, fizeram-se interessantes exposições ultramarinas em Viseu, Fátima e Lisboa, que foram muito visitadas pelas alunas. Em Lisboa tiveram, além disso, todos os dias, filme sobre as Missões e várias conferências, seguidas de encontros com os conferencistas — um casal de missionários leigos, algumas universitárias do Ultramar e Padres Missionários. Estes encontros despertaram muito interesse nas jovens. Também resultou daqui a ideia de trocarem correspondência com Africanas.

No Porto está a organizar-se um núcleo para mentalizar as alunas. Em Viseu trabalham em união com os Religiosos Combonianos. Perto de quarenta raparigas são Zeladoras missionárias. Têm reuniões, Horas Santas, filmes, etc.. Cada dia, uma delas é encarregada de rezar o «terço missionário», deixado pelo Padre Missionário para esse fim, e de pôr na mesinha de cabeceira da que se lhe segue.

Parece muito? Alguma coisa, mas quanto falta para darmos a todas as nossas raparigas este sentido da forte responsabilidade que têm, como cristãs, de alargarem o Reino de Cristo.

São precisas muitas missionárias em África, é certo, mas se sentirmos um forte desejo de partir e tivermos de oferecer o sacrifício de nunca missionar em terras pagãs, é que Cristo nos deu este desejo para fazer de nós MÃES de muitas missionárias religiosas e leigas.

À conquista, na rectaguarda!

Provincia de New York

Marymount College, Tarrytown-New York

Seguindo as tradições estabelecidas pela Reverenda Madre Marie Joseph Butler, fundadora de Marymount, o «Mother Butler Mission Club» continua a ser uma das linhas da vanguarda nas actividades do Colégio. As sócias constituem um núcleo apostólico, que organiza e inspira a actividade missionária de todas as estudantes.

Inspirando-se no programa do Conselho das Estudantes para o ano de 1964: A Mulher cristã — o amor em acção e em verdade — o «Mission Club» escolheu o seu próprio programa: O Amor pelo serviço.

Lembrando-se da insistência da Igreja sobre o apostolado laico e do seu apelo aos apóstolos leigos, prontos a entregarem-se inteiramente à renovação inspirada pelo Concílio, as estudantes de «Marymount College», Tarrytown, empreenderam um trabalho social nas regiões subdesenvolvidas dos Estados Unidos, do Canadá, de Porto Rico e da América do Sul. No início das férias de 1964, cinquenta e duas estudantes de Marymount ofereceram-se para o apostolado durante todo o verão ou, ao menos, parte dele. Ensinaram catecismo, visitaram as famílias, fizeram o recenseamento das paróquias que lhes foram designadas e aí ensinaram artes aplicadas e dirigiram as actividades de centros de crianças com debilidade mental. Trabalharam com brancos e com negros, quer com os católicos, quer com os de quaisquer outras religiões.

Este trabalho missionário do verão começou em 1952 quando, pela primeira vez, uma aluna de Marymount em «Rapid City», na Dakota do Sul, entre os índios Sioux. Em 1950 tinha sido fundado um centro para estes Índios e, deste então, é mantido por Marymount College. Todos os anos, alunas estudantes passam lá umas semanas ou, mesmo, todo o verão. Em 1961 intensificou-se o trabalho missionário: oito estudantes passaram o verão nas missões dos Trinitários, a sudeste dos Estados Unidos.

No ano seguinte estendeu-se a dez outros Estados, bem como a Porto Rico e à Jamaica. Durante o verão de 1964 penetrou-se nas missões da

América Latina. Em Julho de 1964, oito estudantes de Marymount seguiram pra Bogotá, Colômbia, para aí participarem do programa de permuta de estudantes, empreendido pela Universidade Javeriana. Durante as três primeiras semanas, com outras setenta e duas estudantes dos Estados Unidos, as nossas alunas seguiram estudos intensivos da língua espanhola, preparando-se para o trabalho social nos bairros mais pobres de Bogotá. Trabalharam nesses bairros até ao fim do mês de Agosto. Designaram-lhe o bairro «Delicias del Carmen», ao norte de Bogotá, que é uma região de minas de areia. A Irmã Borromeu, religiosa de Marymount College, acompanhou as «missionárias» e dirigiu as suas actividades.

A 30 de Novembro foi inaugurada a segunda fase deste programa de intercâmbio, por ocasião da chegada a Marymount de nove estudantes da Universidade Javeriana de Bogotá para estudos culturais e educativos durante dois meses. As estudantes foram recebidas pelas famílias das cercanias de Tarrytown e seguiram os cursos em Marymount, segundo um programa adaptado às suas aptidões e centros de interesse.

Região da Colômbia

Bogotá

No dia 2 de Janeiro de 1964, muito antes do amanhecer, o ônibus da escola, com as ocupantes ainda meio admiradas, tomou o rumo da cidade de Bogotá. Eram missionárias que se dirigiam, cheias de entusiasmo, para as pequenas aldeias que se encontram ao longo do Madalena. A viagem durou três dias, através de regiões cada vez mais quentes.

No primeiro dia chegámos a Bucamaranga, hospedando-nos entre religiosas espanholas numa casa de retiros. Jamais esquecerei este trajecto porque a cidade, capital de Santander, está colocada numa região bem protegida pelos Andes e circundámo-la várias vezes, como uma «toupeira» holandesa. Em todos os lugares de montanha onde havia ocorrido algum acidente, viam-se pequenas cruces brancas.

No dia seguinte, depois de um passeio feito à pressa pela cidade, começámos a viagem. Exceptuando a praça do mercado, a «plaza» em mosaico minúsculo de ruas estreitas e pitorescas, Bucamaranga lembra uma cidade americana, construída nas montanhas.

No terceiro dia, tudo deveria mudar. Prossequimos de novo a viagem, muito cedinho, desta vez com destino à vila principal dos pântanos, Chimi-chagua. Desciamós para as planícies. As ruas eram primitivas. De ambos os lados, viam-se leitos de ribeiros secos, poeira espessa e, por toda a parte, bambú, algodão, cana de açúcar, coqueiros e, sobretudo, bananeiras. Havia grandes aves de rapina que metiam medo, uma ponte meio arruinada que era preciso atravessar e encontrávamos burros em todos os lugares. Sem os burros, a Colômbia perderia a sua característica.

À tarde chegámos a Tamalameque. A rua que liga esta vila a Chimi-chagua estava intransitável. Era preciso fazermos um passeio de duas horas de barco, pelo Madalena, para podermos retomar o ônibus. Nas margens do rio vimos grou, garças, pequeninos peixes voadores e uma coisa ainda mais estranha: uma árvore completamente despida de folhas, cujos ramos estavam ocupados por centenas de pássaros todos pretos, como o «busard» americano.

Depois, El Banco! Que ponte maravilhosa! Faz lembrar um paraíso dos piratas. A gente das aldeias da região dos pântanos vende ali as suas mercadorias. Uma toalha de várias cores, feita à mão, custa 30 soldos. Às 4,30 horas tomámos um ónibus público, sem vidros e quase sem soalho nem paredes. Creio que nunca mais, na nossa vida, veremos outro igual! A poeira quente entrava por todos os lados e as 19 religiosas não tardaram a ficar «vestidas de castanho». Era tarde quando chegámos a Chimichagua, onde fomos recebidas por uma religiosa já de idade avançada e muito gentil, superiora dum convento de religiosas colombianas. Convenceu-se de que nada podia dar-lhe maior alegria do que receber as 19 religiosas, tão sujas e esfo-meadas, que haviam chegado de surpresa para pernoitar no convento. Que extraordinária caridade! A casa ficou à nossa disposição. Não havia luz, mas havia água e um duche bastante primitivo. Durante a noite, um burro introduziu o focinho pela janela e começou a zurrar sobre a cabeça da Irmã del Pilar. Ela enxotou-o como se fosse um mosquito e voltou a adormecer imediatamente. Mais tarde, na vila, tivemos de enxotar dos nossos quartos porcos, cabras e galinhas.

Chimichagua é a vila mais importante das 15 situadas nos pântanos. Apenas um sacerdote é responsável por toda esta região. A paróquia tem uma história triste. Todos os sacerdotes que nela se instalaram tiveram de superar enormes dificuldades e tanto a saúde como a coragem de quase todos não resistiram.

No quarto dia, ainda antes de nos termos levantado — eram cinco e meia da manhã — ouvimos a voz do sacerdote a anunciar, no alto-falante, a chegada das missionárias. Que pena que eu não tenha podido compreender bem o que ele dizia, pois, nem tantas são as vezes que assim se ouve proclamar o elogio da nossa própria pessoa do alto dum campanário!

O meu grupo, que foi o primeiro a partir, seguiu de «jeep» para uma região denominada Candelária. Nenhuma religiosa havia, até então, visitado esta aldeia e pelos caminhos poeirentos perguntávamos a nós mesmas qual seria o acolhimento que nos esperava. Ainda não tinha passado meia hora quando avistámos uma igreja e duas longas filas de casas feitas de barro e palha, caiadas de branco, porém, meio desmornadas. Os sinos tocavam e toda a gente saía a ver o que se passava e o mesmo faziam os porcos, cabras, galinhas e burros. Todas nós estávamos prontas para converter e conquistar! Mas, após cerca de dez minutos, verificámos que não éramos nós quem atraía o interesse de toda aquela gente, mas sim o «jeep»! Naquela aldeia de mil habitantes não há caminhos, e um carro que se mova sozinho, povoca curiosidade e interesse. A reacção desta bca gente em face de um automóvel deve ser, sem dúvida, semelhante à de um habitante de New York se visse um burro a vaguear num grande estabelecimento comercial, ou um lagarto entre os brinquedos de algum importante bazar.

Havia uma escola com dois compartimentos, para onde levaram as nossas malas. Apresentaram-nos depois as professoras, uma de 17 anos e outra de 21. Ambas tinham feito os estudos do 5.º ano.

Dois muros da escola eram feitos de caniçado, o que permitia ver tudo quanto se passava no interior. Desde que chegámos até que partimos de Candelária nunca estivemos sós. Logo de manhã, as crianças que iam ordenhar as cabras trepavam pela caniçado e gritavam: «Hermana, são horas de levantar». Quando voltavam, traziam-nos leite quente. Não tinham água nem electricidade, nem qualquer objecto de valor material, mas essa boa gente estava sempre pronta para repartir o que possuía: laranjas, limões, bananas, arroz, peixe e o que, para eles, é ainda mais valioso: galinhas e ovos. A Irmã Colette deixou cair um ovo que uma velhinha lhe tinha dado e todas as crianças que a rodeavam ficaram consternadas com tão grande desgraça. Para essas crianças, um ovo representa o mesmo que um dente de ouro para um africano. Aquela gente, porém, sendo pobre, pode considerar-se rica, se a pusermos em confronto com os pobres de Bogotá, que sofrem muito com o frio e com a falta de uma boa alimentação.

Durante os dias de permanência nessa aldeia visitámos as cabanas, comemos da mesma comida mal lavada e mal cozida, brincámos com as crianças e acabámos por nos afeiçoar a elas.

As religiosas fizeram um recenseamento dos casamentos, baptizados e primeiras comunhões, conquistaram a confiança das famílias e finalmente o Padre Lally, jesuíta americano que ia a caminho da Argentina, confessou, baptizou, etc. À medida que as pessoas se aproximavam, as religiosas diziam-lhes: não é preciso «plata» (dinheiro). Isto, porque eles se mostravam desconfiados, pois é-lhes pedida uma mínima quantia pelos baptismos administrados pelo seu sacerdote. Possuem tão pouco que essa insignificante soma para remuneração de padre é, para eles, uma fortuna. Preferem esperar mais um ano pelo baptismo. É de lamentar a situação do sacerdote, que se encontra demasiadamente sobrecarregado, sem dinheiro e com trabalho que chegaria para 15 padres. O comunismo espreita e, embora o povo se diga católico, pouco compreende de religião.

À noite, em Candelária, acende-se um candeeiro de petróleo do lado de fora de cada cabana, e todos se sentam na areia fria. É uma cena comvente e coisa inacreditável no nosso século.

No fim do terceiro dia verificámos que 97 % daquela gente não havia recebido o sacramento do matrimónio. Os pais só pensam em casar-se quando os filhos já são crescidos. O casamento é para os velhos, que precisam de estar seguros. Certa vez, um casal baptizou um filho de três dias — o seu oitavo filho! — casando-se à tardinha, depois da missa das 18 horas! Muitas vezes as noivas, sorridentes, tinham junto de si três, quatro ou cinco filhos, a tomar parte nas bodas. Aquela pobre gente não compreende nada da doutrina cristã!

Nos pântanos vimos muitos papagaios e garças. As crianças seguiram-nos por toda a parte aonde fomos. Havia na povoação um único frigorífico a petróleo e, cada vez que passávamos em frente dele, o proprietário oferecia-nos uma bebida, em garrafa, que chamavam «gaseosa». Por delicadeza éramos obrigadas a bebê-la, ou a tomar uma outra, de milho fermentado.

A vila mais próxima de Candelária é San Pegua, onde falta, igualmente, electricidade e água. Não há senão a água dos pântanos. Os habitantes dos dois «pueblos» entendem-se muito bem. As circunstâncias não nos permitiram visitar esta povoação e dirigimo-nos, então, para Mandinquilla. Aqui, é tudo muito diferente. Um professor, casado e com 9 filhos, faz na vila um trabalho extraordinário. O povo tem grande respeito pelo casamento e pede um sacerdote e religiosas para a educação das crianças. O professor, auxiliado pelos homens desta aldeia, construiu uma pequenina igreja, com a esperança de conseguir um sacerdote. O Padre Lally foi o primeiro que lá celebrou e, durante a nossa estadia, ali permaneceu o Santíssimo Sacramento. Nesta povoação compreende-se perfeitamente a necessidade de diáconos leigos na igreja. Os homens, em turnos, fizeram veladas ao SS.mo e, certa vez, às 5,30 horas da manhã, encontraram o carneiro adormecido na sua esteira, diante do Tabernáculo. Fora ele quem nos havia dito que era muito severo com os filhos e, para prova, ralhou com um dos mais pequeninos, que entrou nu em casa quando lá estávamos. O pequenito saiu a correr e, após alguns minutos, voltou calçado e sorridente. O pai encheu-se de vaidade. Para eles, as crianças estão bem vestidas quando trazem sapatos e um escapulário, respectivos símbolos da prosperidade e da religião.

Não muito distante de Mandinquilla há uma pequena aldeia que se chama Canal. Como não tem caminho, fomos lá de tractor. As crianças desta aldeia nunca tinham falado a um sacerdote, jamais tinham visto uma religiosa, nem tinham nunca ouvido falar de Deus. Os adultos encontravam-se na mesma ignorância. O sacerdote e o professor dispensaram longas horas para conquistar a sua confiança.

A Colômbia é um país estranho, com uma população poliglota composta de índios, negros e espanhóis. Os ricos prendem-se a um nome, que os livra da humilhação de pertencer à raça mista. Entre eles vigora enormemente a distinção de classes. Os pobres sofrem muito. Em Bogotá há 50.000 crianças que não frequentam a escola. Durante o presente semestre abriremos a nossa escola para pobres. Não teremos nem electricidade nem canalizações modernas, luxos que os pobres desconhecem. Vamos começar com o estritamente necessário, porém faltam-nos livros, móveis, e o dinheiro indispensável para dar, todos os dias, às crianças uma refeição composta de pão e sopa. Estas crianças não têm nada. E o Governo da Colômbia só de uma coisa pode gloriar-se: de possuir, em abundância, «pobres de Deus»!

No dia 2 de Janeiro de 1965, partiram de avião seis religiosas, de Bogotá para a província de Caquetá, a sudeste da Colômbia. Os Padres italianos da Consolata tinham-nos convidado para visitar a sua missão e o Bispo deve ter feito despesas extraordinárias, pois não podia ter-nos tratado melhor. O aeroplano levou-nos de Bogotá a Nerva, donde seguimos, em avião comercial, para Quacamayas, aterrando num campo de «yucca». Antes da aterragem pudemos ver a «plaza», que se esvaziava à medida que o povo, atraído pelo barulho do aparelho, acorria para a pista provisória.

A vila tem 400 famílias e, em dois dias, familiarizámo-nos com os nomes e fisionomias de algumas delas. Em todas as aldeias as crianças observam constantemente as religiosas, sobretudo enquanto comem, e seguem-nas por toda a parte. Sem dúvida, era a primeira vez que as crianças deste lugar viam religiosas. Em Quacamayas não há automóveis, nem estradas, nem água, nem luz e o sacerdote acabava de comprar camas, colchões, sabão, toalhas de rosto e víveres para as religiosas. Tudo isto tinha sido transportado em mulas, desde a vila de San Vincent, numa viagem de doze horas.

A Aliança Progreso projecta construir um grande internato neste «pueblo» e o Bispo procura religiosas para o dirigir. Há bastante água nessa região, onde actualmente estão a fazer um poço. A nova escola e o convento terão, portanto, água e luz. As crianças que frequentarão a escola espalham-se numa área de 370 Km.². É preciso empregar esforços apostólicos nessa região agrícola, tão rica, onde os comunistas já começaram a infiltrar-se. Essa pobre gente do campo é a alma da Colômbia. Ignoram a luta das classes, que arruina a vida social das cidades e à qual a própria Igreja nem sempre escapa. O facto de a sua religião ser mais sentimental do que racional, não a impede de ser sincera. É o momento de lhes proporcionarmos a oportunidade de aproveitarem da educação. Monsenhor Fulton Sheen disse muitas vezes que o catolicismo da América Latina é mais baseado na psicologia do que na teologia, o que faz com que essa gente simples se torne uma presa fácil para o comunismo.

No dia seguinte ao da nossa chegada, depois de termos dado uma volta, a cavalo, pelos campos, retomamos um avião comercial, pois só tínhamos uma semana para visitar todas as aldeias. O mesmo avião acabava de transportar uma vara de porcos e, em consequência, respirava-se ainda um ar impuro e desagradável. Os Padres fizeram, no entanto, tudo quanto deles dependia para melhorar as condições da nossa viagem.

Em Florência, encontrámos o Bispo e vários sacerdotes da sua missão. Em sua companhia percorremos a planície, num ónibus muito original, encarnado e verde, sem paredes laterais.

Em Caquetá, o espírito apostólico está muito desenvolvido e, como é o Bispo o director do ensino, foram os Padres que construíram as escolas, assim como os caminhos e as pontes de acesso. Coisa estranha, mas real.

No decorrer da semana partimos de piroga, em viagem fluvial de um dia, para a Via Fátima. Chegámos a uma missão, onde Irmãs italianas nos ofereceram chá e nos fizeram visitar o orfanato que dirigem. No regresso, a Madre Provincial, já idosa, introduziu-nos na piroga, entre a Irmã Denise e eu. Quis acompanhar-nos a Florência, onde devíamos pernoitar, em casa sua. Infelizmente chovia a cântaros e ela procurava proteger-nos com o seu impermeável de plástico, o que era difícil na piroga! Mas ainda não era tudo. Depois de um óptimo acolhimento, a Superiora e as religiosas quiseram que nos deitássemos, logo após o jantar, puzeram-se a lavar os nossos hábitos, todos molhados e sujos de lama.

Na festa da Epifania encontrávamo-nos em «pueblo de Belen», a três horas de caminho de Florência. Os homens e as mulheres de Belen trans-

portaram aos ombros desde Florência, há oito anos, todo o material para a construção da sua igreja. Ainda hoje se fala com brio desse gesto, sempre que se mostra a igreja tão bem construída. Actualmente servem-se de burros e de uma espécie de ónibus público.

No dia seguinte, após a visita ao hospital e a 500 choças cobertas de caniço, construídas pelo sacerdote e pela população, no ano anterior, para as vítimas do massacre de Tolima, despedimo-nos do Bispo, com a esperança de lá voltar um dia.

Quando fomos à Via Fátima, numa pequena piroga a vapor, costeámos a propriedade da família X durante cerca de três horas. Esta família possui pelo menos 49.000 cabeças de gado e mais de três quartas partes de Caquetá. São pessoas como estas que, dizendo-se católicas, compram os direitos dos camponeses, oferecendo-lhes um ordenado mesquinho por lavrarem o terreno roubado. É uma repetição da Rússia do século XIX e um óptimo assunto para inspirar um Tolstoi do século XX! Impõe-se uma revolução na Colômbia e, se ela não vier de cima, virá de baixo.

De regresso a Bogotá, com as religiosas de Medellin e os outros membros da nossa Comunidade — 16 ao todo — preparámo-nos para a segunda viagem: a viagem à Amazônia.

No domingo, 10 de Janeiro, tomámos o avião para Letitia e durante quatro horas sobrevoámos a floresta virgem que, só de vê-la, metia medo ... nem uma aldeia, nem uma só estrada, durante centenas e centenas de quilómetros. De quando em quando, um ribeiro ou uma clareira através da floresta ... mas, nenhum sinal de vida.

O Bispo de Letitia, capuchinho espanhol, emprestou-nos o seu barco a vapor e, na primeira semana, fomos ao Brasil. Lá, encontrámos aldeias de índios que não sabem espanhol e que estão ainda presos aos ritos de iniciação dos adolescentes. Os índios são pobres, muito primitivos e assemelham-se à gente do Pacífico do Sul pela sua cultura e costumes.

A parte mais interessante e, ao mesmo tempo, a maior graça desta viagem foi a nossa estadia de 5 dias no Peru. Passámos dois dias com as religiosas canadianas, que tratam dos leprosos de uma colónia de San Pablo. Esses dias fizeram-nos muito bem, pois tínhamos reuniões com os leprosos e conversávamos com eles. Estavam lá 500, na maioria contentes e resignados. Jamais esqueceremos a coragem e o espírito de sacrifício dessas religiosas.

A colónia é uma pequena aldeia construída numa passagem perto do rio. Afastados, cerca de um quilómetro, estão o convento, o orfanato para os filhos dos leprosos e casas para operários, técnicos, médicos, etc. A cidade mais próxima fica situada a uma distância de 38 horas de barco a vapor. Aquelas religiosas reagiram como crianças em dia de Natal, quando nos viram avançar, em fila indiana, pelo estreito caminho do ribeiro. São apenas 5, todas muito alegres e dinâmicas. Poderemos imaginar quanto não devem sofrer no seu isolamento.

Na colónia está um leproso de 27 anos. A sua doença está muito adiantada e não tem cura, mas encontrámo-lo contente e resignado. Quis apresentar-nos a esposa jovem e bonita, que tencionava internar o seu terceiro

filho no orfanato no mês seguinte. Qualquer criança pode permanecer com a mãe durante os seis primeiros meses. A partir desse tempo corre perigo de contágio. Esta mulher é leprosa, já perdeu um pé, mas a doença estacionou e há três anos que tem licença de se retirar da colônia. Porém, ela prefere ficar perto do marido e renunciar à companhia dos filhos. A todos impressionou esta família, pela sua boa educação.

E a nossa viagem terminou. Rezai connosco pelo desenvolvimento das missões, que este país tanto necessita delas!

Marymount School, Medellín

O ano escolar começa sempre no mês de Fevereiro e, com ele, uma actividade muito importante na vida social da escola: o apostolado missionário.

Seguindo o provérbio: «A caridade começa pelos de casa», a primeira coisa que empreendemos é tentar elevar o nível de vida dos nossos vizinhos menos afortunados, dos arredores de Medellín. Não é preciso ir muito longe. Temos bem perto da nossa casa um grande campo de trabalho. A dez minutos da nossa escola, amontoa-se uma população, sempre crescente, de necessitados que vivem numa completa miséria. As crianças são todas alunas da nossa «Escuelita». Meninos e meninas, num total de 200, seguem este ano o Curso Primário. Com o dinheiro recebido da generosidade dos Estados Unidos e das alunas dos nossos colégios, pudemos acrescentar três salas à «Escuelita», garantindo, assim, mais vagas às rapariguinhas pobres e podendo ter também duas classes de rapazinhos.

As religiosas e as alunas mais velhas colaboram generosamente no ensino destas crianças. Todos os anos, graças à nossa Bolsa das Missões, podemos vestir, alimentar e instruir 200 crianças que, sem isso, ficariam privadas de instrução. Este ano, como Marymount foi reconhecido oficialmente pelo Ministério da Educação, foi possível conseguir o mesmo para a «Escuelita». Por conseguinte, todos os alunos que terminarem o curso primário na nossa escola, poderão continuar os seus estudos numa escola do Governo. Por equanto, devido à falta de dinheiro e de lugar, só podemos ministrar o ensino primário; porém, no próximo ano, esperamos começar a leccionar o primeiro ano do ensino secundário.

Eis o que fazemos pelas crianças, sem esquecer os pais. Algumas religiosas e alunas visitam os «barrios» todas as manhãs. Nessas visitas dão-se aulas de religião, algumas noções de higiene, de puericultura e aulas de costura e serviços domésticos. A generosidade dos Pais das nossas alunas, permitiu-nos oferecer gratuitamente, a todos quantos dele necessitam, tratamento de médico e dentista.

A responsável de cada classe procura despertar entre as colegas um interesse sincero pelas missões. Estimulam-se os sacrificios individuais, inculca-se nas crianças a noção de responsabilidade e do dever que têm de partilhar os bens com os seus irmãos menos afortunados. Este ano as alunas revelaram um grande espírito de sacrificio e realizaram um bem enorme.

Entre os acontecimentos de maior destaque, podemos assinalar: um sarau em benefício dos cegos; a primeira Comunhão das crianças da «Escuelita», seguida de café para todas; lições de costura para as pobrezinhas e aulas para analfabetos. Foram sobretudo as alunas quem deu incremento a estas actividades. Com muito entusiasmo, organizaram um bazar, um desfile de modas, etc., o que permitiu angariar a soma suficiente para cobrir as despesas do ano passado com a «Escuelita». No próximo ano contamos poder alargar a nossa ajuda aos «pueblos» vizinhos. Prevemos a possibilidade de matrículas gratuitas ou semi-gratuitas e a admissão de todas as crianças que queiram seguir o curso na nossa «Escuelita».

Durante as férias, dispomos de mais tempo para levar à vida dos nossos irmãos infelizes um pouco de alívio. No Advento, todas as crianças da vizinhança se reúnem em nossa casa para aprender o catecismo, preparar um pequenino teatro e divertir-se um pouco, sob a orientação das religiosas.

Alimentando a esperança de que este trabalho de apostolado produza muitos frutos, rezemos para que assim seja.

Marymount School, Barranquilla

A construção da nossa nova escola, aqui em Barranquilla, foi o objectivo do nosso trabalho missionário este ano. Já estão inscritas trezentas alunas e para todas temos em vista um programa escolar, aprovado pelo Ministério da Educação Pública, o qual as preparará não somente para se conduzirem com dignidade e terem uma situação honesta, mas as ensinará também a orientar o próprio comportamento segundo a doutrina de Cristo.

Embora a construção não esteja ainda terminada, as aulas já começaram, com 5 alunas no curso primário e 4 nos cursos comerciais. Uma única sala, muito espaçosa, serve ao mesmo tempo de auditório, sala de ginástica e refeitório. Fornecemos tudo quanto é necessário, tanto livros como uniformes.

É comovente ver a avidez com que as crianças tomam a refeição do meio-dia! Para algumas, é a única refeição. Naturalmente, fingimos não dar por isso quando alguma das crianças, magritas, mete ao bolso um pedaço de pão que, certamente, a família muito apreciará.

Testemunhas do entusiasmo que estas crianças revelam pela educação, as nossas estudantes põem todo o empenho em dar-lhes o máximo de auxílio. No Natal fazem um desafio de esforços, a fim de arranjar um bom pacote para cada família da escola. As maiores preparam um enxoval para as pobrezinhas do seu tamanho e as mais pequenas fazem enxovais para recém-nascidos. As que se ofereceram para vestir as da primeira Comunhão, mostraram uma caridade sem limites.

Como vêem, aqui em Barranquilla, Deus oferece-nos ocasiões de O servimos nos seus pobres, mesmo sem sair de casa. Tem abençoado a nossa obra missionária, fazendo-a progredir, e mostra-nos, dia a dia, que o amor e o serviço dos pobrezinhos são um excelente caminho para O encontrar a Ele.

Provincia da Califórnia

Cuernavaca - México

Em Cuernavaca, no México, as nossas religiosas e um grupo de alunas de Marymount dão catecismo a mais de 250 crianças pobres, todos os sábados do ano lectivo.

Cerca das 9,45 h., uma religiosa e algumas estudantes começam a carregar a camioneta da Escola Internacionl com sacos de farinha de milho e cereais, que serão distribuídos depois das aulas. Meia hora mais tarde, outras 5 religiosas e 12 alunas dirigem-se para a igreja paroquial, que fica do outro lado do «canyon». Aí, por espaço de uma hora, ensinam às crianças pobres os princípios fundamentais da doutrina cristã e da prática religiosa. Ao mesmo tempo, uma das religiosas (que fala correntemente o espanhol) dá catequese a umas 40 mulheres.

A pedido do sacerdote, que só aos domingos pode celebrar nesta igreja, as religiosas ajudam as mulheres mexicanas a compreender e a aplicar a nova liturgia. O aproveitamento destes ensinamentos verificaram-no as religiosas no dia 8 de Dezembro, quando os fiéis participaram vivamente numa Missa de Primeira Comunhão. A fim de preparar esta cerimónia da Primeira Comunhão, uma religiosa e duas alunas reuniam, duas vezes por semana, um grupo de 18 rapazes e 17 raparigas. Além disso, a Escola encarregou-se de vestir cada neo-comungante.

No início das férias do Natal, as religiosas, com algumas estudantes voluntárias, passaram horas a preparar mais de dois mil pacotes de comestíveis — feijão, arroz, milho, trigo, açúcar, café — e doces, para a refeição do Natal dos pobres.

Esta obra de auxílio às famílias necessitadas desenvolve-se rapidamente. Uma séria documentação, junta a um movimento de caridade directa, fizeram nascer e conservam, tanto entre as religiosas como entre as alunas, um entusiasmo profundo para proporcionarem auxílio verdadeiramente cristão aos pobres do México e, particularmente, aos de Cuernavaca.

Vice-Provincia Internacional

Missão de St. Kilian - Rusepe, Rodésia

Em 1952 os Padres Carmelitas irlandeses fundaram a Missão Central de St. Kilian, em «Makoni Reserve». Durante dois anos, duas religiosas da Apresentação trabalharam na escola primária por eles fundada mas, por falta de gente, viram-se obrigadas a deixar a Missão.

Em 1963, a Madre Josephine, ao visitá-la, ficou penalizada por se encontrar vazio o lindo convento que os Padres haviam construído, em razão da falta de religiosas que pudessem assumir a direcção do mesmo. Em África, é grande a dificuldade para a instrução secundária da juventude, o que vinha despertando nas religiosas de Umtali um enorme desejo de fazer qualquer coisa nesse sentido.

Finalmente, em 1964, a Missão de St. Kilian foi aceite pelas religiosas do «Sacré Coeur de Marie» e designadas para a mesma as Irmãs Consília e Kenneth, que partiram em Julho, embora a escola só abrisse em Janeiro de 1965. No dia 22 de Agosto, festa do Sagrado Coração de Maria, as duas religiosas chegavam ao novo convento e a primeira noite que nele passaram foi momentosa.

Era a nossa primeira noite na Missão! O dia tinha sido fatigante e penoso com o trabalho de empacotar, até ao último momento, tudo quanto nos seria necessário e com a despedida das Irmãs da Comunidade com a qual convivêramos durante 7 anos. Depois, ainda o longo e poeirento caminho através da mata.

Estávamos no mês mais quente do ano, geralmente conhecido, nesta parte da África Central, pelo «mês suicida» por razões evidentes. Durante o longo percurso, o sol dardejava implacavelmente e os caminhos arenosos reberveravam, martirizando-nos os olhos. Enquanto conduziámos o camião, evitando as saliências das rochas que obstruíam o caminho estreito, perguntávamo-nos como iria ser a vida na missão. A região mostrava-se cada vez mais selvagem à medida que avançávamos e sentimo-nos aliviadas quando, finalmente, avistámos o cume escaldado e uniforme do gigante de granito, a anunciar-nos que estávamos prestes a chegar. Mais um rio

para atravessar, o qual — seja ou não verdade — dizem chamar-se Jordão. Confesso que não atravessámos tranquilamente as pontes sobre os rios... Tínhamos de fazer um acto de abandono à Providência e, dando um grande suspiro, lá avançámos com o camião.

Já salvas, do outro lado do Jordão, transpusemos a última colina e os derradeiros obstáculos encontrámo-nos na missão que deveria ser a nossa casa. Era já noite! Terminadas as orações, preparámo-nos para nos deitarmos quando, repentinamente, demos conta de que a Missão inteira havia mergulhado na escuridão. Não nos tínhamos lembrado de que já eram horas de abrir o gerador do abastecimento eléctrico de toda a Missão. Às apalpadelas, fomos examinando o nosso estranho ambiente e, casualmente, encontrámos uma vela, mas... nenhum fósforo e não tínhamos trazido as nossas «pilhas». Muito temos que aprender de como se vive no mato!

Concentradas nos próprios pensamentos, fomos para os nossos quartos, que são contíguos. Apesar do cansaço, o sono não chegou logo! O lugar era tão pouco familiar e o silêncio da noite africana tão profundo, que não encontrei facilidade em repousar. Quando já estava quase a adormecer, um ruído, vindo do lado de fora da janela, assustou-me. Qualquer coisa se mexia no mato... Voltei logo a ficar bem acordada e o meu coração batia descompassadamente. O ruído de passos aproximava-se e a minha imaginação formulou uma série de hipóteses: — Que espécie de animal seria? Ou, pior ainda, não poderiam ser africanos com arcos e flechas?... Enquanto fazia as minhas conjecturas, a Irmã Kenneth gritou: — «Ouvii alguma coisa?» Claro que sim, mas... que poderíamos fazer?! Não havia ninguém ao alcance da nossa voz e não tínhamos telefone. De repente, a Irmã Kenneth correu para o meu aposento e ficámos ambas transidas de medo, no meio do quarto. Finalmente aproximámo-nos da janela e espreitámos da cortina. Não vimos leões, nem búfalos, nem guerreiros ferozes, mas... vacas que pastavam!

O Revmo. Padre P. B. Norton, da Ordem do Carmo e superior da Missão, tinha construído 6 dormitórios para acomodar 32 meninos. A Missão Central pôs à nossa disposição para 1965 um dormitório para as meninas, salas de aula e um refeitório, até que possamos ter instalações convenientes e próprias.

Os exames de admissão para a matrícula na Escola Secundária realizaram-se em 15 de Dezembro de 1964. Havia 250 candidatos para 35 vagas apenas! Era impossível recusarmos tantos alunos. Finalmente foram matriculados 44: 32 rapazes e 12 meninas, que entraram no dia 27 de Janeiro. O mobiliário — camas, carteiras, mesas e cadeiras — não veio a tempo e os alunos tiveram que dormir no chão a primeira noite, o que não é novidade para um africano. No dia seguinte, sob uma chuva torrencial, todo este material chegou de Rusepe e a Escola Secundária era um pequeno caos em organização. O outro dia passou-se na distribuição de uniformes, programas e livros de texto, de modo que na segunda-feira, 2 de Fevereiro, o horário estava pronto e as aulas podiam começar.

Os alunos têm um programa escolar repleto. As aulas começam às 7,20 h. e terminam às 13 h., começando às 14 h. No fim do 2.º ano devem prestar um exame de oito disciplinas. A obtenção do Certificado depende da aprovação dos exames de Inglês e Matemática e de mais 4 matérias. Em vista da expansão da Escola, espera-se que St. Kilian consiga autorização do Governo para conceder o Certificado Geral de Ensino no fim do 4.º ano.

Além do curso da Escola Secundária, as religiosas querem ensinar-lhes suficientemente o «Shona», a língua nativa, para que os alunos possam integrar-se na Acção Católica e na Legião de Maria, actividades bem organizadas em St. Kilian. Projecta-se também o trabalho catequético nas outras escolas da Missão Central, bem como as visitas às aldeias pelo Serviço Social.

As religiosas sentem-se compensadas, no seu trabalho, com a amizade do povo e com a felicidade que aquela gente deixa transparecer por voltar a ter consigo as Irmãs. Entretanto vamos lá. Curamos golpes, contusões, torceduras e úlceras tropicais. Qualquer golpe, num africano, converte-se facilmente em úlcera.

A Missão enriquece-nos, dia a dia, de experiência sem igual. No dia de Ano Novo, um toque de tambor convocou toda a gente em redor da Missão, para um funeral. Tinha morrido uma velha mulher naquela noite. Os parentes haviam preparado a sepultura e eram, mais ou menos, 3 horas. A superstição africana crê que o mundo dos espíritos só permite enterrar os defuntos de madrugada, ou ao anoitecer. A igreja estava repleta de parentes, amigos e gente da aldeia, em uníssona lamentação com o toque do tambor. É costume dar-se um presente à família do defunto para provar que, de modo nenhum, se é responsável pela sua morte. Até as criancinhas de colo devem dar uma moeda. Em razão da hora avançada, não houve Missa de «Requiem», mas apenas a cerimónia do enterro. Todas saíram da igreja a recitar o terço, a caminho do cemitério. Que procissão! Adultos e crianças, juntamente com cães, cabritos e carneiros; e também as religiosas. Creio que foi a primeira vez que as Irmãs brancas acompanharam um funeral africano, nesta Missão. Isto deu muito que pensar, no primeiro dia do ano!

Esta gente nasce, vive e morre sempre pobre. Não há muito que o Missionário recebeu um aviso de que um homem estava a morrer numa aldeia, a 45 milhas de distância. O caminho era horrível e era preciso atravessar vários rios. A Irmã Kenneth e eu, com os Santos Óleos, acompanhámos de camião o Padre Lally, que levava o SSmo. Rezámos vários terços durante o caminho, que mal se distinguia no meio do mato. Por fim alcançámos o grupo de choças que formam a aldeia. São redondas, todas cobertas de palha, com uma única abertura destinada à ventilação, a qual serve ao mesmo tempo de porta. Ao entrar, encontrámos um pobre homem sentado numa esteira, ao lado das achas que ardiam no meio do chão. Com o ambiente cheio de fumo, não tardou que tivéssemos os olhos cheios de lágrimas enquanto dizíamos as orações pelo moribundo e ajudávamos o sacerdote a prepará-lo para a Santa Unção e para receber o

Sagrado Viático. Os africanos teriam ficado impressionados se nos tivéssemos servido dos lenços e, por isso, tivemos que lutar com a ardência dos olhos.

O doente teve grande dificuldade em engolir a Santa Hóstia. Era comovente ouvir os parentes unirem-se às nossas orações, em língua «Shona». Quando o sacerdote acabou de confortar o moribundo com os últimos Sacramentos, tirou o seu próprio escapulário e deu-lho, pois a família não permitiria que o enfermo tivesse ao pescoço um cordão com alguma medalha. Impressionou-nos a gratidão de todos por termos vindo à sua casa. Para nós, foi outra experiência, que nos fez sentir, mais ainda, a necessidade de aprendermos a língua nativa para podermos comunicar com esta gente.

Até com as nossas compras semanais adquirimos experiências novas. Num sábado de manhã dirigimo-nos para Rusepe, que fica a 24 milhas para norte da nossa Missão. O dia estava claro e bonito quando saímos mas, como era a estação das chuvas, metemos na mala do carro as galochas e os impermeáveis e seguimos, rumo à cidade. Uma vez lá, comprámos o pão, a carne e a gasolina para toda a semana e voltámos para casa. Durante a nossa ausência tinha caído um forte aguaceiro, que transformou o caminho num verdadeiro rio. Foi só uma questão de minutos e os travões deixaram de funcionar. Tivemos de «navegar», na maior parte do caminho. O último rio tornou-se um autêntico obstáculo. A chuva torrencial encheu-o de tal forma, que não era possível atravessá-lo. Abandonámos toda a esperança de o passar com o carro. Mas, que fazer? Encontrávamo-nos num lugar deserto, sem comunicações e a água continuava a aumentar com rapidez. Gastámos algum tempo subindo e descendo a margem do rio, procurando em vão descobrir uma passagem estreita e pouco profunda. Já havíamos rezado vários «Lembrai-Vos» durante a nossa aflição. E eis que surgiu, do lado oposto, um jovem nativo que vinha em direcção ao rio. Era uma resposta às nossas orações. Procurando dominar o rumor da água, explicámos ao rapaz a nossa situação e ele, voltando à Missão, disse ao Padre que «duas Irmãs brancas estavam dentro d'água»!

Em poucos minutos o sacerdote atravessou o rio, num camião de carroçaria muito mais alta que a do nosso carro japonês, muito útil mas pequeno. Não somente fomos socorridas nós, mas também salvas todas as nossas compras. Fomos, porém, forçadas a deixar o carrinho, que o Padre trouxe no dia seguinte, quando as águas da «cheia» baixaram. Agora, pensamos duas vezes antes de sair para as compras.

Presentemente, com a escola em pleno desenvolvimento e com uns 300 cadernos, por semana, para corrigir — fora os testes semanais — os nossos dias estão muito ocupados com o nosso magistério. Acrescendo o facto de sermos só duas, temos pouco tempo para escrever a cada uma das nossas Irmãs, a contar as nossas experiências missionárias.

O período lectivo pouco difere do de qualquer outro colégio. Só divergem os rostos dos alunos que temos na frente, dum sombreado negro-castanho, que os dentes de uma alvura muito intensa tornam aprazíveis em meio do seu belo sorriso.

Os alunos mostram-se ávidos do ensino, gostam de aprender, mas têm muita dificuldade para o inglês. Os seus conhecimentos são extremamente mínimos e esperamos uma oportunidade de adquirir um projector para lhes passarmos filmes educativos. É muito difícil, por exemplo, falar-lhes sobre o mar e as marés.

Certa manhã — ainda não há muito tempo — descobrimos que, durante uma noite inteira, tínhamos abrigado na cozinha uma cobra do tamanho de 5 pés. Ao que parece, estava enrolada no depósito onde se guardava a lenha para acender o lume. À noite, havíamos revistado a cozinha e fechado as portas, ignorando que lá se encontrava tal visitante. No dia seguinte, de manhã, ao inclinar-se para apanhar uma acha de lenha, a rapariga sentiu calafrios quando viu a cobra pronta para o ataque. Foi logo enviado um S. O. S. ao mestre dos internos, um enorme africano ex-guarda, que encarregou alguns dos rapazes maiores de fazerem desaparecer o animal. Considerando bem, tivemos muita sorte em que a nossa hóspede tenha preferido dormir pacificamente durante aquela noite, em vez de vaguear, errante, por toda a área do convento.

A Reverenda Madre Geral no Nordeste Brasileiro

- *Qual a cidade que mais a impressionou no Nordeste brasileiro?*
- *A cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte ...*
- *Que acha do Movimento de Natal?*
- *O Movimento de Natal é um espírito e espírito não se descreve.*

Foi nessa frase curta que a Reverenda Madre Geral resumiu as suas impressões, quando solicitada a dar seu parecer sobre o Movimento de Natal, uma das experiências pastorais mais apaixonadas da Igreja de hoje.

O Nordeste Brasileiro e o Movimento de Natal

O Nordeste Brasileiro, constituído de nove Estados ou províncias: Baía, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, tem uma população de 25.000.000 habitantes. Segundo se afirma é a maior área-problema do hemisfério Ocidental.

É a região tipicamente subdesenvolvida. Setenta por cento da população é analfabeta. Elevado índice de mortalidade infantil. Renda anual por cabeça inferior a US\$100.

É uma faixa tropical semi-árida, com duas áreas unidas e férteis: o litoral oriental e, no oeste, uma parte do Estado do Piauí e Maranhão. O restante é o imenso «Polígono das Secas». Nos anos bons, chove copiosamente de Fevereiro a Maio, excepto em alguns recantos desfavorecidos. A festa de São José, 19 de Março, marca a última esperança de um ano agrícola. Passada esta data, perdem-se as esperanças de chuvas. É a calamidade da seca, o que acontece, algumas vezes, dois ou três anos consecutivos.

O Nordeste é uma das sete regiões eclesiásticas do Brasil, tendo à frente como Bispo regional, o Administrador Apostólico de Natal (agora transferido para Salvador) Dom Eugénio de Araújo Sales, alma do Movimento de Natal.

O Movimento de Natal é um esforço de pastoral de conjunto para «salvar um povo e um país, ajudando-o na promoção de uma reforma social que servirá de base a estruturas e quadros cristãos». Caracteriza-se por

uma forte organização e planificação das actividades, pela pobreza de recursos e por valores espirituais e humanos, principal segredo de sua eficiência: vivência comunitária, ideal apostólico e visão global do homem. (*Informações tiradas do livro do P.^e Alberto Eugénio Collard — Au Nord-Est brésilien*).

O Movimento de Natal não brotou de um entusiasmo momentâneo, nem de um plano pré-estabelecido. Nasceu das necessidades concretas de uma região e de um povo, e desenvolveu-se como se desenvolvem as coisas humanas, condicionado pelas leis psicológicas e sociais, segundo um processo lento de maturação.

Teve início em 1948. Tem, portanto, mais de quinze anos. Caminha para a maturidade.

Ninguém melhor do que D. Eugénio de Araújo Sales poderá dar uma ideia clara de como cresceu o Movimento. No Plano Pastoral apresentado ao I Congresso Internacional do *Pro Mundi Vita* em Setembro de 1963, na cidade de Essen, Alemanha, são estas as suas palavras:

«Cresceu o Movimento de Natal na parte rural como Serviço de Assistência Rural e depois passou para a área urbana, através do Secretariado Arquidiocesano de Acção Social e desenvolvendo-se em alguns aspectos para a região do Nordeste e mesmo para o resto do País.

O S. A. R. compõe-se hoje de muitos sectores de trabalho: sector de saúde, atingindo oito maternidades; sector técnico, com vários técnicos nacionais e estrangeiros; sector do ensino médio, com 13 estabelecimentos e 1.600 alunos; sector de formação de líderes, com uma equipa responsável e muitas centenas de líderes treinados e supervisionados; sector de artesanato, com centenas de artesãs; sector de Cooperativas, com uma rede de cooperativas de crédito e de consumo espalhadas pela capital e pelo interior; sector de migração e colonização, desenvolvendo um largo trabalho; sector de centros sociais e clubes, com dezenas de centros e centenas de clubistas; sector de sindicalização rural, fazendo surgir sindicatos e treinando dirigentes; sector de politicização — Emissora com milhares de alunos em Escolas Radiofónicas, Jornal e Tipografia.

Na parte urbana age através de uma série de Escolas, Internatos, Instituições de Caridade, Educação de Base nas cidades. Coordenação na área rural e urbana das actividades apostólicas. Um Secretariado Diocesano integrado e todas as actividades, unindo a Cúria aos trabalhos aparentemente distanciados, fazem da Diocese um todo em função do Evangelho. Os planeamentos apostólicos e sociais dão uma visão clara à Pastoral, dividindo tarefas, descobrindo meios, contratando pessoas. Bispos, sacerdotes, religiosos e leigos reunidos em equipa olham com visão crítica o que foi feito e voltam-se para determinadas tarefas e encargos dentro dos objectivos propostos. O Bispo, conservando-se em sua posição jerárquica, desce às bases do Movimento. Assim, pode avaliar do alto a experiência e tomar conhecimento dos meios de trabalho. A Diocese torna-se uma família. Só com espírito a organização será autenticamente cristã.

Perde a frieza das coisas comuns para se transformar numa força a serviço do Evangelho».

O Roteiro da Viagem

Foi a convite de Dom Eugénio de Araújo Sales que a Reverenda Madre Geral decidiu visitar Natal, coração do Nordeste brasileiro. Indo a Natal, capital do Rio Grande do Norte, com mais um pequeno esforço chegaria a Fortaleza, capital do Ceará, a maior fonte de vocações religiosas do Brasil.

A Reverenda Madre Geral, a Madre Provincial do Brasil e a Superiora do Colégio de Copacabana, Rio, chegaram a Natal, no dia 25 de Agosto de 1964, às 22,30 h. depois de uma estadia de algumas horas em Recife, capital de Pernambuco. Em Natal permaneceram até ao dia 28 à tarde. Foi nesses três dias incompletos que entraram em contacto com as principais obras sociais e movimentos apostólicos da Diocese.

Em seguida, partiram para Fortaleza, onde ficaram hospedadas na casa da Família Borba Vasconcellos, à qual pertence uma das nossas Religiosas. Os Borba Vasconcellos receberam com grande carinho e fidalguia a Reverenda Madre Geral e as duas Madres que a acompanhavam, apresentando-as ao Governador do Estado, ao Prefeito, e ao Sr. Bispo. Nas poucas horas que lá passaram, tiveram a imensa satisfação de visitar, em companhia de distintos membros da Família anfitriã, as obras sociais e assistenciais da cidade, as quais são mantidas e incentivadas pelo Estado. Ficaram encantadas com o povo cearense tão simpático, tão simples, tão acolhedor.

O Caravelle do Cruzeiro do Sul reconduziu-as ao Rio, na tarde de 29 de Agosto.

Três Dias em Natal

Era muito tarde quando chegámos ao aeroporto de Natal.

Esperava-nos o irmão de Dom Eugénio, Pe. Heitor Sales, que nos conduziu a Ponta Negra, residência episcopal, onde íamos ficar hospedadas.

Ponta Negra é uma dessas praias belas e selvagens tão características do Nordeste brasileiro. Fica a uns vinte minutos de Natal.

Em Ponta Negra está o coração do Movimento. Lá encontramos o segredo do seu êxito: naquele casarão branco, longe do bulício da cidade, realizam-se periodicamente reuniões, retiros, semanas de estudos, encontros de líderes... Tudo em Natal é planeado e meticulosamente realizado.

Surpreendeu-nos o aspecto da casa tão acolhedora: simplicidade em tudo, conforto, só o necessário para que o corpo seja sustentáculo e veículo do espirito.

Todos os que moram lá e os que a frequentam com assiduidade, desde os mais simples leigos até os mais altos dignitários eclesiásticos estão imbuídos do mesmo ideal apostólico de levar Cristo àquela região tão cas-

tigada pela natureza e tão desprezada pelo homem. É impressionante como sacerdotes, religiosas e leigos formam uma grande família, são «um só coração e uma só alma» e trabalham inteiramente des preocupados dos seus interesses pessoais, num desprendimento verdadeiramente evangélico. Nada mais lhes interessa no mundo, a não ser a conquista do Reino de Cristo. O que se respira em Ponta Negra é um verdadeiro clima de Igreja primitiva, clima de caridade autêntica, de fraternidade cristã e de zelo apostólico. Mais do que a admirável organização e o perfeito funcionamento de todos os sectores de trabalho, é isto sobretudo que impressiona os visitantes, principalmente os estrangeiros.

É o sopro de Pentecostes que está varrendo aquela porção da Igreja de Cristo e fazendo surgir, numa das regiões menos favorecidas da terra, uma nova Cristandade capaz de orientar no mundo todas as iniciativas desse género.

Tivemos conhecimento minucioso do Movimento de Natal. Este tem dois grandes campos de actividade: o apostólico e o social.

O apostólico tem uma equipa central e nove equipas diocesanas. Cada equipa, tanto central como diocesana, é constituída por sacerdotes, religiosas e leigos. O sector social tem a seu serviço o S. A. R. isto é Serviço de Assistência Rural.

Visitámos a sua sede que fica em Natal e ocupa vários edificios, alguns dos quais estão no lugar da catedral iniciada, e foram construídos aproveitando-se as suas paredes já meio levantadas. Esse facto levou o P.e Collard a dizer que em Natal há uma catedral célebre... Célebre porque não existe! (O P.e Collard, belga, passa sete meses do ano no Nordeste, dedicando forças e talento ao Movimento de Natal. É autor do livro «Au Nord-Est brésilien»).

Para ver «in loco» a actuação do S. A. R., visitámos dois bairros pobres, Aparecida e Brasília Teimosa, reconstruídos pelo Movimento. Cada um tem o seu centro social. Uma Assistente social vai lá uma vez por semana.

Na tarde do primeiro dia que passámos em Natal, fomos a Nísia Floresta, município distante de Natal 43 quilómetros, com 10.300 habitantes, espalhados na sede e nos seus dezassete povoados.

Em Nísia Floresta, fez-se com grande êxito a primeira experiência de paróquia dirigida por religiosas.

Assumem, estas, todas as actividades paroquiais, excepto as que são especificamente sacerdotais. Têm como objectivo criar a comunidade paroquial, dando bastante responsabilidade aos leigos. Um sacerdote, que não reside no local, visita periodicamente a paróquia.

Passemos a palavra à primeira Superiora de Nísia Floresta e iniciadora da experiência, Madre Irany, nossa antiga aluna do Colégio do Rio:

«O primeiro trabalho das Irmãs foi criar um clima de família na paróquia. Procuraram tornar simpática a mensagem que levavam e convencer o povo de que eram todos irmãos. Para isso valeu o testemunho de amor fraterno que as Irmãs davam entre si. As pregações, os contactos

peçoais, batiam sempre nessa mesma tecla: Somos a família de Deus. Somos irmãos. Os irmãos amam-se».

«Na porta da Igreja foram inaugurados dois quadros murais com notícias da Comunidade paroquial, que eram afixadas, além de serem anunciadas também no Lucernário (reza da noite que se faz na igreja, todos os dias)».

«O trabalho foi iniciado por aí, para que todos entendessem que a Igreja é comunidade de AMOR».

Os resultados obtidos ultrapassaram qualquer expectativa. «...Para a cidade, houve um despertar muito grande, continua a Madre Irany. A paróquia foi restaurada e organizou-se o Conselho e o Secretariado paroquiais. Os fiéis estão sendo atingidos pessoalmente e pelas visitas domiciliares, a Igreja está presente em cada lar. Está havendo esforço enorme para vitalizar a Catequese e assim os pobres são evangelizados».

«A experiência de Comunidade foi positiva! somos quatro irmãs. À hora da limpeza, as quatro ocupam-se igualmente. À hora do estudo, as quatro estudam e à hora da oração, as quatro vão para a capela. Às refeições, as quatro estão juntas e os recreios são animados pelas quatro. Vive-se em comunidade a mais autêntica vida de família que toda a religiosa deseja encontrar, quando deixa o mundo, para se consagrar a Deus».

«Coisa comovente é a acção da Providência entre nós. Deus vela pelas quatro irmãs. O povo fornece-nos fruta, legumes, leite, ovos... Quando falta arroz, temos a certeza de que a primeira pessoa que bater à nossa porta vai trazer-nos arroz. E isso todos os dias. Os irmãos deram-nos casa, móveis, louça etc., apesar de serem pobres».

Uma estrada tortuosa e difícil conduz-nos até Nísia Floresta.

Em boa parte da sua extensão é tão estreita que as árvores com seus ramos formam um túnel de verdura.

Caminhos ásperos levam-nos a uma visão da Igreja primitiva, a um núcleo de cristianismo autêntico, que nos lembra as páginas singelas e gloriosas dos Actos dos Apóstolos.

No caminho, o carro em que íamos atolou perto do município e verificamos a solidariedade do povo, querendo ajudar-nos. A Irmã Rosa foi de «jeep» ao nosso encontro.

Quase anoitecia, quando chegámos. Uma praça, uma igreja, o centro social, casas pequeninas.

Não há luz na cidade...

Fomos directas à casa das Irmãs. Casa muito simples, muito pobre, sem nenhum conforto. Tem uma capela minúscula com o Santíssimo Sacramento ...

Dá nos dirigimos ao centro social, onde, à luz de um lampeão, a Irmã Rosa nos explicou como funciona o movimento paroquial. Foi então que chegou a superiora, Madre Marlene. Vinha de uma reunião em um dos povoados vizinhos. Convidou-nos para jantar. Além das Irmãs e nós, estava connosco o P.^o Heitor e um bispo argentino de Reconquista, que cada

vez ficava mais maravilhado com o que via e não escondia a sua admiração. No fim do jantar, entrou pela casa dentro um grupo grande de crianças e jovens, alguns com violões. Cantaram para agradecer a visita. As Irmãs haviam-lhes ensinado que toda a visita é um enriquecimento.

Após o jantar fomos para a igreja, assistir ao Lucernário. É um conjunto de salmos, cânticos, leituras bíblicas e uma pregação feita por uma das Irmãs. Quem pregou no dia em que lá estávamos foi a Irmã cozinheira.

O canto do povo alternava-se com o canto forte e modulado de um grupo de rapazes que integram o coral da paróquia.

«O Lucernário já entrou na vida deles» conta, no seu relatório, a Madre Irany. «É ponto de referência para os compromissos que assumem: antes ou depois do Lucernário»...

A igreja estava repleta. Semi-obscuridade. Poucos lampeões e muitas velas. De novo assoma a imagem da Igreja primitiva, rezando na escuridão das catacumbas... Vinte séculos de Cristianismo condensados em Nisia Floresta!

Saimos de lá tarde, às 20 h. mais ou menos. A viagem foi linda. Um maravilhoso luar, o luar do sertão nordestino, esperava-nos na estrada, coroando de beleza e poesia a tarde inesquecível.

No dia seguinte fomos a Pium, à fazenda Catuana, sede de treinamento de líderes rurais. Lá se achavam reunidos militantes da J. A. C. para o planejamento anual. O dirigente, um mestiço bem capaz e desembaraçado, não tem o curso primário completo.

Assistimos ao círculo e verificamos como aqueles quinze rapazes estão despertos para os problemas da Igreja.

Antes de entrarmos para o local do círculo, deu-se um facto interessante: alguém da comitiva procurou saber se a nossa presença na reunião iria tolher a liberdade ou diminuir a espontaneidade do dirigente. Este respondeu com o maior desembaraço que não. E acrescentou que, há uns dois dias atrás, três Bispos tinham estado presentes a um círculo, sem que isso o intimidasse.

Para coroar a nossa estadia em Natal, fomos a uma reunião de Religiosas no Colégio das Irmãs Doroteias.

Era a reunião de despedida de Dom Eugénio, nomeado há pouco Administrador Apostólico de Salvador.

Depois de uma palestra às Irmãs pelo Pe. Heitor Sales, veio a despedida. Conforme o desejo de Dom Eugénio, não houve discursos de despedida. Esta constou de uma apresentação das actividades das Religiosas, uma espécie de revisão de trabalho apostólico. Por esse relatório, ficámos sabendo que na Diocese de Natal há oito comunidades inteiramente à disposição do Bispo e, nas restantes, há sempre um, dois ou mais membros, com tempo integral para o apostolado de âmbito paroquial ou diocesano.

Dom Eugénio também falou. Pediu sentimentos e atitudes sobrenaturais para se receber o novo Bispo. E abriu novos rumos para o apostolado das Religiosas: dirigindo-se às Provinciais, pediu religiosas que dessem por ano, nas férias por exemplo, dez dias de tempo integral para a Diocese.

A Religiosa iria com um mandato oficial da Diocese, para o campo de apostolado que esta lhe acenasse.

Tudo o que vimos em Nisia Floresta, a leitura do Relatório, e, como coroamento, as palavras de Dom Eugénio, puseram-nos em contacto directo com uma nova dimensão do apostolado das Religiosas: a carência de sacerdotes, a falta de preparação dos leigos exigem que as Religiosas, dentro das limitações de sua condição, e sem se afastarem do espírito da Congregação a que pertencem, ocupem postos-chaves na evangelização. É o apostolado de emergência que «surge numa hora de emergência».

As três grandes Lições do Movimento de Natal

Lição de Pobreza: «... o Evangelho é anunciado aos pobres» (Mt. 11,5).

Este é um dos sinais pelos quais se reconhece o verdadeiro Messias e o advento do Reino de Deus. Pois bem, esse sinal, encontramos-lo na Igreja de Natal. É a marca inequívoca da sua autenticidade.

Em Natal vemos a verdadeira face da Esposa de Cristo: uma Igreja pobre, em que «os pobres são evangelizados».

No Nordeste brasileiro, sobretudo na Diocese de Natal, dá-se o inverso do que se verifica no centro e no sul do país. Enquanto nessas regiões, a Igreja é apontada, sobretudo pelos comunistas, como aliada do capitalismo e adversária do pobre, no Nordeste ela identifica-se com os pobres, os quais no seu seio, encontram sempre amparo contra a ganância dos ricos.

O comunismo foi sempre uma ameaça para o Brasil. No entanto, não encontrou eco na Diocese de Natal. Aí não tiveram a mínima penetração as célebres ligas camponesas, fundadas e chefiadas pelo comunista Francisco Julião.

Lição de caridade e de vida comunitária: «... que eles sejam um como o Pai e Eu somos um» (Jo. 17,11).

Esta frase do Evangelho realiza-se à letra no Movimento de Natal: surpreende-nos a unidade de vistas e de ideal de todos os que integram o Movimento. É conseqüentemente, a unificação das actividades, em vista de um maior rendimento para o reino de Cristo.

O espírito de família, a vivência comunitária e a caridade mais autêntica e esclarecida constituem o abstracto humano e espiritual sobre o qual se construiu e se apoiou a organização social e apostólica da Diocese.

Deus abençoou o esforço dos homens de permanecerem unidos, de trabalharem unidos, de sofrerem unidos. E ficou entre eles, fecundando o seu apostolado.

Em Natal, sacerdotes, religiosas e leigos, entendem-se como os irmãos de uma grande família, unida e feliz. Feliz, porque unida. Não há competição, há colaboração. Que o bem se faça, não importa quem o faz.

Lição de optimismo cristão: «Estarei convosco todos os dias...» (Mt. 28,20).

O Movimento de Natal é uma forma de presença quase carismática de Cristo na Igreja. É uma magnífica lição de optimismo para todos os que o visitam.

Quem vem de outras partes do país ou do mundo, depois de ter trabalhado em vão com formas obsoletas e ineficazes de apostolado, em contacto com a burguesia, inerte e saturada, das grandes cidades, naturalmente vem desanimado e pessimista. Por isto, chegando a Natal, tem uma sensação de surpresa e novidade. É uma rajada de ar fresco que entra pelos pulmões.

Em Natal há uma tal crença na eficácia da graça, uma tal esperança na missão salvífica da Igreja, e uma tal confiança no valor do homem, imagem de Deus, que tudo isto cria um clima de optimismo sadio, realista e ... contagiante.

Bodas de Ouro

Que Deus derrame especiais bênçãos sobre estas religiosas, que tão fielmente O vêm servindo há longos anos.

Madre St. Peter Shortall	Lisburn	Maio, 19
Madre M. de Jesus Hostie Cardoso	Portalegre	»
		»
Irmã Marta Rodrigues	Fátima	
Irmã Emília da Silva	Braga	»
Madre Berchmans Lawless	New York	Setembro, 2
Irmã St. Sophie Byrne	New York	»
Irmã St. Anthony Lynch	New York	»

Necrológio

Irmã Helena Ferreira da Silva (1882-1964), Béziers, França

A Irmã Helena veio definitivamente para a Casa-Mãe em 1942, quando se fechou a fundação de Vallon (Ardèche), ficando encarregada do parque e do galinheiro. Distinguia-se pela piedade e pelo recolhimento, que deixava transparecer uma vida interior profunda. Com o correr dos anos e por causa da sua idade já avançada, este dever tornou-se pesado. Porém, como nunca se queixava, ninguém o suspeitou até ao dia em que, enquanto trabalhava, caiu com uma síncope cardíaca. Felizmente, o pai de uma jovem religiosa, que era médico e que ali se encontrava a visitar a filha, pôde dispensar-lhe os primeiros cuidados e diagnosticar a doença. Desde então, não mais pôde trabalhar. Teve algumas melhoras e viveu, assim, ainda alguns anos. Mas nunca mais voltou ao parque, nem mesmo para um simples passeio, e nem sequer perguntava como ia o galinheiro de que antes se havia ocupado. Sem dúvida, realizava-se nela um despojamento interior. Para ela havia começado uma nova vida, certamente orientada segundo os desígnios de Deus, identificando-se ao mesmo tempo com o desejo das enfermeiras.

Certas doentes semi-inválidas entregam-se, por vezes, a pequenos trabalhos de costura ou a ligeiros serviços domésticos, a fim de fazerem um pouco de exercício físico ou para aliviarem as enfermeiras; ela, porém, não fez nada disso. A sua vida foi exclusivamente orientada para a oração. Levantava-se cedo e dirigia-se, como o seu passo oscilante, para o coro das doentes. Assistia à missa, comunhava e lá passava grande parte do dia, quase sempre de joelhos, muitas vezes com os braços em cruz, segurando numa das mãos um crucifixo. Se descansava, sentada na cama — era esta a posição que mais convinha ao seu mal cardíaco — viam-na ainda a rezar, tendo nas mãos uma estampa de Nossa Senhora de Fátima. Durante a oração, um belo sorriso lhe iluminava o rosto, de tez clara, quase sem rugas. Não tinha aparência de doente. No entanto, o Senhor continuava a prová-la. Pouco a pouco, uma catarata progressiva foi-lhe

velando a vista e acabou por cegar completamente. Não podia ser operada, por causa do coração. Quando lhe manifestavam pesar por isso, respondia com indiferença: «Que importa! Nada disso merece atenção». Não se queixava nunca. Pelo contrário, quantas vezes a ouviram dizer: «Pobres enfermeiras, quanto trabalho lhes damos! Elas têm muito mérito...». Quando ainda podia ver, foi-lhe dito algumas vezes, que ficava muito tempo na capela, que poderia costurar um pouco, etc. ... Contentava-se em sorrir, sem responder. Igualmente quando lhe faziam qualquer observação um tanto desagradável, calava-se, reflectia e, horas mais tarde, humilhava-se, desfazendo-se em desculpas pela pena que tinha causado.

A sua maior preocupação eram os pobres pecadores e certamente lhes dedicou os últimos anos, aceitando por eles todos os sacrifícios. «Ah! quanto é preciso rezar continuamente pelas almas que se perdem! E são tantas! Compedeço-me, principalmente, dos pobres pecadores. Não se pensa bastante neles...». Querendo salvá-los a todo o custo, tomou a resolução de não perder nunca a presença de Deus. Duplamente encerrada no seu isolamento, pela doença cardíaca e pela cegueira, recusava toda a espécie de distracção, a fim de completar méritos para as almas.

Em Janeiro de 1963 declinou muito. O terrível esforço que então tinha de fazer para chegar à capela deixava-a exausta. No mês de Março já não conseguia levantar-se e a Comunhão era-lhe trazida todas as manhãs. Em Maio recebeu, mais uma vez, a Santa Unção. A bronquite própria da idade tornava-lhe a respiração quase impossível, o fim parecia iminente; mas era ainda um falso alarme. O seu estado melhorou lentamente, de modo a poder alimentar-se, e os brônquios desobstruíram-se. Com o bom tempo do mês de Maio, pôde levantar-se e voltar à capela para lá permanecer horas seguidas e assistir a duas missas: a da Comunidade e a das alunas, que era celebrada mais tarde. Para ela, eram momentos do Céu! Se, por acaso, adormecia ou esquecia a hora da segunda missa, exclamava: «Meu Deus, perdoai-me, durmo demasiado enquanto as almas se perdem! Por caridade chamem-me quando eu me esquecer».

A sua cegueira era um véu espesso entre ela e o mundo externo. Nunca soube que a viam sorrir e que a sua fisionomia, como que iluminada, atraía os olhares. Ignorou também que o nosso médico, passando pelo coro para ir à enfermaria, a viu várias vezes de joelhos com os braços em cruz. Disse-nos ele, certa vez: «Pergunto a mim mesmo como pode manter assim os braços por tanto tempo, no estado em que tem o coração!».

Viveu deste modo ainda sete meses. Súbitamente, em Janeiro de 1964, viu-se obrigada a ficar de cama e nunca mais se pôde levantar. Desta vez foi rápido. No dia 5 de Fevereiro, pelas cinco horas da tarde, o pulso enfraqueceu e, enquanto recitávamos a ladainha dos agonizantes, o seu rosto contraiu-se algumas vezes, dando-nos a impressão de um arranco doloroso ... E a sua alma voava para o Céu, ao mesmo tempo que nos seus lábios aflorava um sorriso.

Madre Teresa da Santa Face Neves (1888-1964)
Fátima-Portugal

No dia 3 de Março de 1964 Deus chamou a Si a Madre Santa Face, depois de uma longa vida ao serviço do Senhor.

Quarta filha de uma família profundamente cristã, nela hauriu a piedade que sempre a distinguiu.

Foi aluna interna no Colégio Inglês, do Porto, onde fez a Primeira Comunhão em Junho de 1897. Dedicando-se ao estudo da música e pintura, revelou verdadeiros talentos para as belas-artes.

Aos 13 anos entrou na Congregação Mariana, então florescente no Colégio, sob a direcção da Reverenda Madre Maria da Eucaristia e do Reverendo Dr. Abranches, S. J.

Não podendo continuar interna, devido à falta de saúde, entregou-se em casa a uma vida de piedade intensa, manifestando-se nessa altura a sua vocação religiosa. Alimentava desejos de vida contemplativa e pensava entrar na Ordem da Visitação, mas a debilidade física não lho permitiu.

Continuou, na família, a aplicar-se às belas-artes e desenvolvia o seu espírito apostólico junto da irmã mais nova, a quem encaminhava na piedade e no amor de Deus.

Em Setembro de 1908 despediu-se da mãe, sob pretexto de uma visita ao Colégio, e de lá enviou uma carta comunicando a sua decisão: «ficaria no Colégio para entrar na Comunidade».

Lágrimas e pranto da mãe e das irmãs. Ao saber de tudo, o pai exclamou: «Chorar?! Dêmos graças a Deus por nos escolher mais uma filha». Já estavam duas na Comunidade.

Fez o Noviciado em Penafiel e em Janeiro de 1910 pronunciou os primeiros votos. Continuou no Noviciado até Setembro, altura em que foi mandada para Braga, onde deveria trabalhar. Foi obrigada a deixar a casa religiosa durante algum tempo, devido à perseguição suscitada pelo regime republicano. Porém, em Fevereiro de 1911, pôde voltar à vida de Comunidade e em Março do mesmo ano partiu para o Brasil.

Fez os votos perpétuos no Rio de Janeiro, onde permaneceu 18 anos, ensinando belas-artes, religião e francês.

Durante alguns anos teve sob a sua responsabilidade as alunas que deviam apresentar-se aos exames oficiais de português. A óptima preparação das examinandas chamou a atenção do Júri, que quis saber onde estudavam e quem era a professora. Um dos mais exigentes examinadores, escritor e filólogo, homenageou a Madre Santa Face, oferecendo-lhe uma das suas obras, com os seus cumprimentos e uma dedicatória em que fazia alusão à competência das alunas que ela apresentava aos exames finais.

Do Brasil foi para Paris, onde esteve como superiora, e voltou novamente ao Brasil, onde foi nomeada Mestra de Noviças. A sua saúde, sempre muito delicada, não lhe permitiu permanecer lá por muito tempo e regressou a Portugal. Assim, em 1932 já se encontrava em Guimarães.

Em todas as Casas onde a obediência a colocou, mostrou especial

interesse pelo ensino de Religião, deixando impresso no espírito das alunas, quer em Guimarães, quer no Porto ou Lisboa, um profundo amor de Deus.

Ultimamente, já sem forças, torturava-a o facto de não poder trabalhar. O sofrimento moral que a dominava e o grande desejo de doação levavam-na por vezes a exclaimar: «Ainda hei-de ganhar forças e energia para trabalhar muito».

Foi para a Guarda e, de lá, para Fátima.

Apesar da doença, mostrou-se sempre religiosa digna, delicada e piedosa, a todas edificando com a preocupação constante de ser fiel aos exercícios de piedade. Como lhe faltasse já a memória, era frequente a pergunta: «Ó Irmã, já fiz hoje a Via-Sacra?». No rosário, trazia sempre um alfinete a marcar os mistérios que rezava, para não se esquecer de nenhum.

Morreu no Porto e, até ao último momento, enfrentou o sofrimento resignadamente e com um sorriso.

Madre Sacré-Coeur Smith (1906-1964), Palos Verdes, Califórnia

Mais um ano decorrido, um ano que acentuou o vazio deixado pela querida Madre Sacré-Coeur! Que perda para nós e que perda, maior ainda, para as Missões que ela amava profundamente!

A Madre Sacré-Coeur nasceu em Halifax, Nova Escócia, em 1906. Humanista, recebeu os diplomas de B. A. e M. A. da Universidade de Dalhousie, em Halifax sua cidade natal, e o diploma de Doutora em Filosofia, da Universidade de Fordham. Recebeu ainda, entre outras distinções, o diploma honorário de Doutora em Letras Humanísticas, da Universidade de Manhattanville de New York.

Em 1929 a Madre Sacré-Coeur entrou para o Noviciado em Tarrytown, onde já leccionava havia dois anos. Em 1935 foi nomeada Decana da Academia e, em 1953, Presidente da mesma. Em 1960, quando o Colégio de Marymount de Los Angeles foi transferido para Palos Verdes, na Califórnia, foi ela quem ficou na direcção do mesmo.

O interesse que a Madre Sacré-Coeur sentia pelas missões havia começado há anos atrás, quando se encontrava em Tarrytown. Organizou uma Associação, que abrangia as várias actividades missionárias pelas quais se interessava, à qual deu o nome de «Mother Butler Mission Fondation» e que dirigiu durante anos. Hoje os «Mothers Missions Guilds» encontram-se espalhados por toda a parte, de Roma a Manila e de Quebec a Umtali.

Todos os anos, na primavera, tomava sobre si o penoso encargo de preparar cuidadosamente o «Mission Weekend» e mostrava-se sempre muitíssimo reconhecida àqueles que contribuíam para o seu êxito. Centenas de sacerdotes, homens, mulheres, crianças e órfãos, foram beneficiados pela generosidade dos que colaboraram neste movimento.

Monsenhor Fulton Sheen, Director Nacional da Congregação da Propagação da Fé, elogiou muitas vezes esse espírito de generosidade que ela soube incutir nas suas alunas.

No decorrer dos anos, o seu zelo estendeu-se ao campo do Serviço

Social. Interessou as alunas em vários sectores de caridade, começando pelo trabalho no Hospital «Rosary Hill» — destinado a doentes cancerosos desprovidos de recursos — nos centros locais de diferentes Grupos de escuteiros, nas visitas semanais à «Casita Maria» da Harlem espanhola e nos asilos de velhinhos.

Na Califórnia, a Madre Sacré-Coeur continuou a trabalhar pelas missões com o mesmo entusiasmo com que o fazia na Província de Leste e seguindo os mesmos métodos.

Em Novembro de 1948, já havia sido fundada uma filial do «Mother Butler Mission Guild» em Marymount School, Los Angeles. A Madre Sacré-Coeur começou logo a organizar um «Mother Butler Mission Guild» para as mulheres generosas da península de Palos Verdes. Todas as quintas-feiras se reunia no Colégio um grupo de costureiras competentes e a boa Madre inculcava-lhes o seu próprio ardor e entusiasmo.

Cada associada tinha a seu cargo um certo trabalho de costura, que levava, como tarefa, para terminar em casa. Mãos hábeis confeccionavam paramentos sacerdotais, alfaias para o altar e enxovais de bebé. Inúmeras cartas provenientes de vários países — das Filipinas à África e do Alasca à América do Sul — atestam o reconhecimento com que muitos sacerdotes receberam estes dons.

Uma outra obra missionária, que ela tinha muito a peito e que iniciou em Palos Verdes, foi a de «Mass Kits» (malinhas que continham o indispensável para a celebração da Santa Missa). Nesta obra dispendeu um zelo extraordinário e as cartas de agradecimento dos beneficiados eram repassadas de sentimentos de gratidão. O dinheiro para essas «Mass Kits» provinha de benfeitores particulares.

O Centro «Mother Butler» para os índios de Dakota do Sul foi um dos mais patrocinados pela Madre Sacré-Coeur. Desde a sua fundação, para a qual muito contribuiu, deu-lhe grande apoio e continuou a dispensar-lho, mesmo depois de ter partido para a Califórnia. Todos os anos lhe mandava grandes caixas com roupas, brinquedos e remédios. Contribuía, também anualmente, com os meios necessários para que uma estudante de Marymount passasse o verão nesse Centro e lá trabalhasse com os filhos dos índios. O centro «Nossa Senhora de Lourdes» de Porcupina, na Dakota do Sul, foi acrescentado na sua lista, recebendo igualmente o seu generoso apoio. A sua caridade abrangeu ainda o Hospital do Bom Pastor, em Alabama, e o Centro Maternal Católico de Sta. Fé, no Novo México. Enormes caixas, com roupas para crianças, remédios, brinquedos e paramentos, eram enviadas a esses centros com uma regularidade surpreendente. Tinha-se a impressão de que, quanto mais dava, mais recebia em remédios, roupas e outros artigos de primeira necessidade. Só Deus, para quem trabalhava, sabe de onde vinha o dinheiro que sustentava as suas obras de caridade.

O seu zelo ardoroso para com as nossas missões de África tornou-se quase legendário. Caixas e mais caixas, cheias a transbordar, eram cuidadosamente acondicionadas para a longa viagem do nosso porto de S. Pedro,

na costa de África. As nossas próprias missionárias, que tanto receberam da sua generosidade, podiam falar calorosamente do seu trabalho pelas missões. E tudo fazia de maneira tão discreta, que se podia dizer que a sua mão direita ignorava o que fazia a esquerda.

A Marymount, Palos Verdes Estates, chegam ainda cartas de reconhecimento de Missões que desconhecíamos. Poderíamos continuar a alongar-nos sobre quanto a boa Madre realizou pelas missões, porém, tudo seria vazio de significado se não tivéssemos em conta o espírito que animava o seu trabalho. Antes de tudo, amava o seu Deus de todo o coração e, conseqüentemente, amava os pobres, por quem Ele morreu. Era, sobretudo, realista. Enquanto outros lamentavam a miséria do mundo, a Madre Sacré-Coeur metia mãos à obra e procurava fazer alguma coisa para a aliviar.

Na sua condição de Directora de um colégio e sendo pessoa culta, atraía o respeito de toda a gente. No entanto, o reconhecimento de um só sacerdote pobre, que houvesse recebido dela paramentos novos para substituição dos velhos, sensibilizava-a muito mais do que um artigo elogioso no New York Times ou no Los Angeles Herald Examiner. A alegria que brilhava nos olhos de uma indianazinha, quando recebia um agasalho para a proteger contra o frio do inverno de Dakota, era para ela mais preciosa do que todos os cumprimentos que lhe eram apresentados nas grandes solenidades oficiais do Colégio.

Nos arquivos do «Mission Club» encontram-se imensas cartas, atestando a gratidão de sacerdotes e missionários das regiões mais longínquas do mundo. São verdadeiros testemunhos da sua generosidade, dispensada como resposta aos apelos que lhe faziam. Estas cartas fazem-nos pensar nos méritos que ela conquistou para a eternidade! Se um copo de água fria, dado em nome de Cristo, merece recompensa, quantas riquezas não teria acumulado quando, no dia 10 de Março de 1964, chegou à Casa do Pai, após uma passagem demasiado rápida por este mundo. A nós pareceu-nos curta; no entanto, para Cristo, a messe já estava madura e a vinha coberta de frutos ... Por isso Ele a chamou a um bem merecido repouso!

Madre Maria Conception Moran (1909-1964), Cambrai, França

A vida religiosa da Madre Marie Conception Moran foi marcada, desde o início, pelo sacrifício. Desejaria entrar no Noviciado de Tarrytown, onde a tinha precedido a sua irmã mais velha mas, à última hora, ficou decidido que o faria na Casa-Mãe e foi na Província Francesa, à qual devia dedicar-se totalmente, que ela passou toda a sua vida.

Depois de alguns meses na nossa casa de Neuilly, foi enviada para o Instituto «Jeanne d'Arc», em Cambrai, em 1934, ainda jovem professora. Era fervorosa e dedicada para com as alunas, que vigiava nas horas de estudo e de passeio, e às quais dava cursos de religião, inglês e desenho. Nada havia no seu exterior que chamasse de modo particular a atenção, a não ser o seu humor britânico, fleugmático, alegre e o seu delicado sentido do cómico. Esta modalidade de espírito tornava agradável o seu trato.

Não disse alguém, com razão: «o bom humor é um presente que das a teus irmãos»? Semeava alegria, porém — coisa notável e rara — sem jamais faltar à caridade. Não tinha ditos picantes contra ninguém, a não ser quando por acaso, se referia a si própria. Eis um exemplo: — «Quando Nosso Senhor fez a distribuição dos narizes, encontrava-me na primeira fila e, naturalmente, recebi o maior». Se tivermos em conta a nossa costumada sensibilidade quando nos apontam os nossos defeitos, mesmo físicos, esta curta frase não deixará de nos revelar uma certa humildade...

Em 1939, a Madre Marie Conception veio para Béziers e, durante a guerra, dedicou-se sem medida às crianças do Orfanato. Época dolorosa de incertezas e restrições de toda a espécie. As crianças chegavam quase sem roupas, mesmo quando o frio era rigoroso. Os alimentos escasseavam, faltava o sabão, não havia carvão nem lenha, o frio invadia toda a casa, poucos ou nenhuns remédios, o pão intragável e rigorosamente racionado, assim como os demais comestíveis. A Madre Conception, apesar do frio, da fome e do cansaço, passava horas inclinada sobre as roupas velhas, angariadas na colheita de esmolas que as Irmãs faziam para as nossas crianças. Limpava-as e de novo as talhava e cosia... até que, finalmente, das suas mãos de fada saía um vestido que fazia a alegria de uma das nossas pequeninas. Do mesmo modo no refeitório, onde fazia a vigilância, empregava todos os esforços para que o «menu» das crianças fosse um pouco menos pobre.

As dificuldades múltiplas desses «heróicos tempos» não lhe tiravam o tom espiritual nem o bom humor. Se durante o estudo uma das crianças lhe pedia licença para ir buscar o lenço que deixara esquecido, a Madre Conception permitia-lho, acrescentando com ar sério: «Minha filha, para que isso não volte a acontecer, daqui em diante debes deixar o nariz onde estiver o lenço». Este dito, que a ingênua criança ouvia com os olhos espantados, tinha o dom de divertir a classe, que esquecia por momentos as constipações, as frieiras ulcerosas e as lições difíceis de decorar. Por essa razão estimavam a Mestra e a vida era quase alegre, apesar de todas as privações a que se viam obrigadas.

Foi no verão de 1944 que os aliados desembarcaram na Normândia e na Provença, seguindo-se a libertação e o armistício. A nacionalidade britânica da Madre Marie Conception não constituía já um obstáculo ao seu regresso a Cambrai, onde o Instituto «Jeann d'Arc» reabria as suas portas, temporariamente fechadas por causa dos acontecimentos políticos. A sua partida de Béziers deixou um vazio no Orfanato, sobretudo entre as mais pequeninas, de quem se tinha ocupado particularmente e que, saudosas, procuravam no mapa onde poderia situar-se Cambrai, para onde partira a querida Madre. Esta, havia retomado a sua vida de professora, que decorria na obediência, no trabalho e na oração. As Superiores que teve desde 1945 a 1950, são unânimes em afirmar que ela era muito boa religiosa.

Eis alguns dados, colhidos ao acaso, que revelam os traços essenciais da sua fisionomia espiritual: Em Dezembro de 1946 conversava com uma jovem religiosa, vinda do Noviciado havia poucos meses. No decurso da

conversa disse-lhe: «Nunca faço seja o que for, sem falar com Nossa Senhora». A jovem religiosa ficou muito impressionada com esta frase, que a definia pessoalmente e levantava uma ponta do véu que costuma encobrir o mistério de cada alma.

Uma outra, atesta: «O que particularmente me edificava na Madre Marie Conception era, precisamente, a sua grande devoção à Santíssima Virgem, bem como esta pequenina frase, que ela tinha adoptado: «Tudo é graça». Nas alegrias como nas tristezas, tinha-a sempre nos seus lábios como um estribilho que dava ritmo ao canto da sua alma e testemunhava o seu espírito de fé.

De uma das suas Superiores de Cambrai, actualmente doente na Casa-Mãe e, segundo parece, às portas da eternidade, mas admiravelmente lúcida, temos este testemunho: «A Madre Conception? Ah! era uma santa religiosa. Era fácil entendermo-nos com ela. Durante três anos, não ouve nunca dificuldades e era sempre atenciosa com a sua superiora!»

Além disso, em diversas circunstâncias que a discrição não permite citar, é verdade que a querida Madre deu provas de um firme bom senso, de caridade e de generosidade.

Em 1950 a Madre Marie Conception foi nomeada Superiora da Casa «Sainte Thérèse de l'Enfant Jésus», em Cambrai, substituindo a Madre Marie Emmanuel Miggin afectada por um reumatismo generalizado, excessivamente doloroso. Foi também esta uma alma religiosa admirável, sobre a qual se poderiam dizer muitas coisas edificantes... Ela devia continuar na casa «Sainte Thérèse». Geralmente, quando uma nova superiora chega a uma casa, a antiga retira-se. Não foi, porém, este o caso. Assim, foi possível constatar, com admiração, as atenções e os cuidados de que a Madre Marie Conception rodeou a doente. Apesar de muito ocupada com o seu novo cargo — de que ela soube desempenhar-se com satisfação geral, tanto das religiosas com das senhoras pensionistas — não deixou, no entanto, o Instituto «Jeanne d'Arc», onde continuou a dar regularmente as suas aulas. Foi uma época de intensa actividade. Permaneceu 14 anos como superiora da Casa «Sainte Thérèse». Em 1959 assistia aos últimos momentos da Madre Marie Emmanuel, tendo ambas dado um belo exemplo de união e de caridade fraterna.

Entretanto, pouco a pouco e sem se dar por isso, a saúde bastante robusta da Madre Conception arruinou-se. Durante alguns anos não deu atenção às dores que tinha num braço; sentia-se cansada e julgava sofrer de reumatismo. O médico, porém, desenganou-a. Veio para Béziers a fim de ser submetida à operação que se julgava necessária e para que tivesse o repouso de que precisava, o qual não lhe seria possível na casa de que era superiora.

A operação foi bem sucedida, o sofrimento não era grande e o seu moral mantinha-se excelente. No entanto, o médico mostrava-se muito pessimista e comunicou os seus receios à Rev. Madre Provincial, que a esse respeito o interrogava: «a operação fez-se demasiado tarde, não posso responder pelo futuro». Um outro médico precisou: «não lhe dou, sequer,

dois anos de vida». Durante mais de dois meses recebeu diàriamente aplicações de cobalto. Como não sentia mais do que cansaço, julgou estar livre da sua doença e pediu para voltar para Cambrai a fim de retomar o seu cargo. Era no mês de Setembro de 1963. Sabíamos que a esperava um longo e doloroso calvário, mas somente podíamos confiá-la à Divina Providência e ao nosso Venerando Fundador, a quem tanto pedíamos a sua cura.

No mês de Novembro, as notícias que nos chegavam sobre a sua saúde eram más. O mal atingia os pulmões. Sofria muito e sentia-se asfíxiar; só as punções, já por si dolorosas, podiam dar-lhe algum alívio, tornando-lhe a respiração menos difícil, mas não faziam senão retardar o desenlace final. Nas nossas orações continuámos a pedir a sua cura e a coragem para que pudesse suportar a sua terrível doença.

Em fins de Janeiro de 1964, o seu irmão sacerdote Padre Philippe, veio vê-la e foi ele quem fez notar à Madre Conception a gravidade do seu estado, de que ela não se apercebia e que o médico assistente tinha, até então, proibido que lhe dissessem. Antes de regressar à Inglaterra, o seu irmão administrou-lhe a Santa Unção, o que foi uma grande consolação para ambos. Relativamente jovem e em plena actividade, custou à Madre Marie Conception esta resignação e conheceu horas bem amargas. Foi o seu Gethsémani.

Falava pouco dos seus sofrimentos, que aumentavam de semana para semana. Lê-se numa das suas cartas, datada de 2 de Fevereiro: «Não me sinto pior, posso levantar-me todos os dias e ficar na escrivaninha. Gostaria de dormir um pouco mais, mas é difícil, as noites são longas ...».

Se pensarmos que, desde então, lhe eram precisos calmantes, em altas doses, para gozar de um pouco de repouso relativo, que a asfíxia a vencia pouco a pouco, que depois de cada punção permanecia exausta e com dores violentas a torturavam quando a coluna vertebral e o nervo ciático foram atingidos pelo terrível mal e que este estado devia prolongar-se até ao começo do mês de Junho, poderemos compreender a sua energia e a sua coragem, hauridas na fé e na sua devoção à SS.ma Virgem que estava constantemente no seu pensamento. Era um estado de oração em contínuo jacto, unido a um sofrimento que não lhe dava tréguas.

Ao declinar do dia 5 de Junho de 1964, a querida Madre encontrava-se prostrada no seu leito, numa espécie de côma e um estertor, acompanhado de uma queixa, marcava fortemente a sua respiração cada vez mais sufocante. Todas as casas do Instituto faziam, sucessivamente, a sua consagração solene ao Sagrado Coração de Jesus. Dia glorioso para o Instituto o desta festa do Sagrado Coração! O dia seguinte era o primeiro sábado do mês. Foi entre estas duas festas, no dia 5 de Junho, pelas 19 horas, que Maria Santíssima, a tão amada Mãe, veio buscar a sua filha para a apresentar a seu divino Filho Jesus.

Madre Maria do Calvário Neves (1882-1964), Lisboa, Portugal

A Madre Maria do Calvário, nasceu no Porto (Portugal) em 1882, numa época bastante agitada da história do seu país, ainda ensanguentada pela guerra civil e religiosa entre dois pretendentes ao trono. A vitória do partido «liberal», totalmente nas mãos da Franco-Maçonaria, tinha aberto uma era de perseguição à religião e aos partidários de D. Miguel, fiéis defensores da Igreja. Seu pai, um valente católico, teve muito que sofrer, mas a sua fidelidade foi inquebrantável. Foi, portanto, num lar onde a felicidade à divisa «Deus, Família, Rei» era seguida até ao heroísmo, que nasceu a pequenina Maria José, a mais velha de onze filhas, quatro das quais se consagrariam ao Senhor no Instituto do Sagrado Coração de Maria.

Desde muito jovem, a Maria José desejou fazer-se religiosa. Enquanto esperava realizar o seu ideal foi, na família, um modelo de piedade e de virtude para as suas irmãs, assim como para as companheiras no colégio do Porto, dirigido desde 1871 pelas Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Pelo ano de 1900, a perseguição contra as Ordens religiosas recomeçou com maior violência. Foi principalmente no Porto, sede da revolução liberal, que esta perseguição se fez sentir mais fortemente e chegou-se às ameaças duma nova expulsão dos religiosos. A prudência aconselhava aos superiores não receberem novos elementos. A Maria José, que estava ainda indecisa sobre a escolha da congregação, aceitou ficar no Colégio de Viseu como professora de pintura. Era lá que Nossa Senhora a esperava para a atrair o Seu Coração Imaculado. Se meditarmos sobre os caminhos de Deus a seu respeito, compreenderemos que foi sob o impulso dos ventos revolucionários que a Providência a encaminhou para as grandes etapas da sua vida religiosa:

1902 — entrada no Noviciado da Casa-Mãe, donde voltou a Portugal depois da emissão dos primeiros votos, no dia 3 de Maio de 1904.

1913 — o exílio, a partida para o Brasil, onde trabalhou 17 anos nos cargos de mestra de classe e professora de pintura, nos Colégios de Ubá e Rio de Janeiro.

1930 — regresso à Pátria, recentemente abalada por um golpe de Estado que devia trazer a paz e a liberdade religiosa a todo o país.

Sucessivamente designada para as Casas de Guarda, Évora, Aveiro, Lamego e Lisboa, dedicou-se com zelo infatigável ao bem das almas e do Instituto até uma idade muito avançada. Muito estimada pelas alunas, em razão da sua disponibilidade e do seu carácter suave e pacífico, exercia salutar influência sobre as Antigas. Durante bastante tempo esteve encarregada das reuniões da associação das antigas alunas, para quem a sua morte foi uma dolorosa perda.

No mês de Fevereiro de 1964, uma primeira ameaça de congestão cerebral enfraqueceu-a muito. Continuou, no entanto, a trabalhar até o limite das forças, edificando a Comunidade pela sua coragem e pelo seu espírito de sacrifício. Muito assídua à capela — aonde era das primeiras a chegar de manhã cedo — foi sempre fiel aos exercícios de regra e de devoção.

Na primeira sexta-feira de Agosto, uma nova congestão pôs a sua vida em grave perigo. Recebeu no mesmo dia a Santa União. Finalmente, no dia 15 de Agosto, Nossa Senhora veio buscar a nossa querida Madre Maria do Calvário. A sua morte foi tão serena como a sua vida e a lembrança desta longa carreira no Sagrado Coração de Maria — ia em breve completar 82 anos — permanecerá como um estimulante exemplo para a sua Comunidade.

Irmã Sofia Osório (1894-1964) Béziers, França

A Irmã Sofia nasceu no dia 25 de Março de 1894, em Lisboa. No baptismo recebeu o nome de Maria de Nazaré. Seu pai era alfaiate. Não gozou por muito tempo da felicidade do lar, pois o pai morreu cedo e a mãe, ao descer de um comboio, sofreu um ataque apoplético, morrendo pouco depois. Uma família rica e conhecida no Porto por sua honradez, acolheu a pequenina órfã. As filhas desta família eram alunas do Colégio do Sagrado Coração de Maria, e foi assim que a futura Irmã Sofia conheceu a nossa Congregação.

Com o decorrer dos anos, o apelo à vida religiosa fazia-se sentir. A sua protectora apresentou-a à Madre da Eucaristia, então Superiora da Província Portuguesa, que a mandou como postulante para o Noviciado de Béziers em Outubro de 1919. Tanto o seu postulanteado como o seu noviciado foram fervorosos. Aprendeu rapidamente a falar, a ler e a escrever o francês porque era inteligente e dotada de boa memória. Depois dos primeiros votos, trabalhou no «Curso St. Jean» cerca de um ano, na época em que o internato reabria as suas portas, que por muito tempo estiveram fechadas por causa das leis do laicismo. A boa Madre St. Liguori Mac Mullen era a Superiora. Mademoiselle Albisson, uma jovem leiga, dirigia os estudos e as aulas. Tempos difíceis aqueles, pelos seus fingimentos e dissimulações que não iludiam ninguém e, sobretudo, pelos inimigos enfiados contra a Escola Católica. A Superiora e as religiosas, tanto aquelas que se encarregavam das aulas como as que se entregavam aos trabalhos domésticos, usavam todas um discreto vestido preto, um «chignon», os cabelos ligeiramente frisados caindo sobre a fronte e botas de cano alto. Com pesar, também a Irmã Sofia trocou o santo hábito por este triste conjunto secular, resignando-se a esta dura separação da Comunidade: nenhum contacto devia existir entre o «Curso S. Jean» e a Casa-Mãe: as portas de comunicação foram cuidadosamente separadas com muros. As ocupantes do «Curso» deviam mostrar que não conheciam as do Convento e que eram, simplesmente, suas locatárias. Como todas as demais religiosas, a Irmã Sofia sofreu com esta situação, mas nada a impediu de se entregar corajosamente ao seu trabalho, no qual revelou grande dedicação, acompanhada das virtudes naturais de ordem e limpeza.

No outono de 1922 foi designada para o Instituto «Jeanne d'Arc», em Cambrai. Encontramos aí a nossa querida «Sofia» — o vocábulo «Irmã» estava no Index — transformada numa verdadeira mãe para com as pequeninas do internato, ocupando-se do seu arranjo e tratando as suas indisposi-

sições, quedas e pequenos ferimentos ... Ganhara a confiança, não só das crianças, mas também das suas mães, sempre preocupadas quando a sua pequenina estudante se separava pela primeira vez, ao dar entrada no internato.

Em 1934 surgiu uma mudança inesperada e penosa: foi mandada para a Casa «Sainte Thérèse de l'Enfant Jésus», que acabava de ser fundada. Por inclinação, era boa enfermeira e tinha-se a certeza de que cuidaria das senhoras pensionistas como havia cuidado das pequeninas de «Jeanne d'Arc». Aceitou generosamente, embora lhe custasse deixar as crianças. Deus proporcionava-lhe uma compensação. Na Casa «Sainte Thérèse» — por não se tratar de um colégio — pôde tornar a vestir o hábito religioso.

Sobreveio a segunda guerra mundial. A Irmã Sofia teve que deixar Cambrai, onde cuidava de uma jovem Irmã doente, o que lhe custou um grande sacrifício. Conheceu todas as peripécias da guerra em Rennes, Vallon, Béziers, Neuilly — os bombardeamentos e as famosas restrições. Depois do sofrimento vem a alegria. Em Béziers, participou dos preparativos para o Centenário do Instituto, alegrando-se com a erecção da nova capela e seu arranjo. Durante muitos anos foi refeiteira.

A querida Irmã envelhecia. Nunca tinha tido boa vista: primeiramente, uma congestão, depois, lesão de um dos olhos, hipertensão arterial, dores de cabeça, insónias ... Ficou quase sem ver e teve que ceder o serviço do refeitório a uma Irmã mais nova. Não querendo ficar inútil, pediu que lhe confiassem as limpezas das salas de «toilette». Foi um belo acto de humilde dedicação. Encarregou-se também de lavar a louça da enfermaria e confeccionava escapulários e medalhões para as reliquias do nosso Fundador. Viam-na segurando o trabalho muito perto de um dos olhos, ao qual ela chamava «o bom». Teve o desejo — infelizmente — de operar a catarata que o cobria. Tinha tantas esperanças nesta intervenção, que decidiu tentá-la apesar de o seu estado geral a não tornar aconselhável. Não obstante a capacidade e dedicação do especialista, o facto foi desastroso: ficou completamente cega. Foi um duro golpe para ela. A sua saúde começou a declinar rapidamente. No dia 31 de Agosto recebeu os últimos Sacramentos. No dia 1 de Setembro entrava em agonia e a 3 do mesmo mês, do ano de 1964, a nossa querida Irmã Sofia deixava-nos, com a idade de 70 anos. No leito de morte, o seu rosto cor de cobre readquiriu a habitual serenidade. Era como se a activa Irmã repousasse, no final de um dos seus laboriosos dias.

Irmã Joana Guedes, (1901-1964) Braga, Portugal

Cândida Guedes nasceu em Samões, Concelho de Vila Flor, Distrito de Bragança (Trás-os-Montes) em 25 de Março de 1900. Era filha de Manuel António Guedes e de Maria da Conceição Amaral que formaram um lar verdadeiramente cristão e tiveram 13 filhos.

A Cândida era a do meio.

Morreu-lhe a mãe quando tinha 8 anos e ficou ela a ajudar a irmã mais velha no governo da casa, trabalho a que se dedicou de alma e coração.

No verão, ajudava também o Pai no trabalho do campo. Desde pequenina, a Cândida mostrou sempre uma grande inclinação para a piedade e penitência. Morava longe, mesmo muito longe da igreja, mas nem o frio do inverno nem o calor do verão lhe impediam as longas caminhadas matutinas para ir assistir à Santa Missa e receber o seu Jesus. E quantos estratagemas ela tinha de empregar para não faltar em nada nos seus deveres familiares e esconder do Pai estas caminhadas que, na sua opinião, prejudicavam a saúde da filha!

Jejuava com frequência e, uma vez que desejou levar a Quaresma inteira com o rigor antigo, o Pai teve de intervir, porque a sua saúde se mostrava abalada.

Pelos 18 anos, sentiu ela o *chamamento* divino para a vida religiosa. Manifestou o seu desejo ao Pai e à irmã, mas, só encontrou resistência.

Originava isto um certo mal-estar mútuo e, por isso, o Confessor aconselhou-a a não falar mais no assunto. Nosso Senhor disporia os ânimos em seu favor.

Começou, pois, a viver em silêncio o problema da sua vocação. A duração deste sacrifício, ainda que suportado com perfeita resignação, não deixou de produzir os seus efeitos: a Cândida definhava a olhos vistos. Só assim o Pai se resolveu a deixá-la partir.

Tinha 27 anos completos.

Tudo se preparou com urgência e, acompanhada da irmã, lá deu entrada, como postulante, no Colégio de Nossa Senhora do Rosário, no Porto.

Aí passou os primeiros meses de vida religiosa seguindo depois para Tuy, onde recebeu o santo hábito e o nome de Irmã Joana.

Terminado o ano de Noviciado, fez a Profissão temporária e voltou à Casa do Porto, onde exerceu o ofício de cozinheira durante alguns anos.

Do Porto passou ao Colégio da Guarda. Ali continuou alternadamente os empregos de dispenseira e cozinheira, que desempenhou com a maior dedicação e espírito sobrenatural, durante 25 anos.

A Santa obediência designou-lhe, em seguida, a Casa de Guimarães. Ali foi, durante um ano, a cozinheira da Casa.

No Colégio de Braga, onde Nosso Senhor a esperava para lhe dar uma parte maior da sua cruz, foi roupeira do Lar. Volvido pouco mais de um ano, na véspera de Natal era acometida por uma trombose cerebral que lhe paralisou todo o lado esquerdo. Assim esteve durante seis anos.

Aceitou a doença com amor e procurou, em todas as circunstâncias, observar a Santa Regra com a maior perfeição. Nunca tomava nada fora das refeições e era edificante a sua indiferença neste ponto.

Continuamente unida a Deus, era impressionante a inteligência das coisas divinas que deixava transparecer com encantadora simplicidade.

No dia 23 de Outubro de 1964 fez a sua Confissão semanal, a que sempre foi escrupulosamente fiel. Era a última! Nunca mais o seu carinho a transportou ao coro da capela, onde ouvia Missa e recebia os Sacramentos. Efectivamente, na madrugada do dia imediato, sobreveio-lhe um derrame cerebral que a privou do uso de todas as faculdades.

A Santa União e as orações das religiosas da Comunidade, entre as quais se encontrava a Irmã Henriqueta, sua irmã de sangue, foram o único lenitivo para os três longos dias e noites de agonia.

Nas primeiras horas do dia 26, abrindo os olhos, adormeceu plácida-mente no Senhor.

Só então se viu como as meninas do Colégio e do Lar a estimavam e confiavam nas suas orações. E a Irmã Leonor, sua dedicada enfermeira, que tratou e assistiu à morte de mais de 30 Religiosas, dava este testemunho a quem pretendia consolá-la: — Como esta há tão poucas!...

Janeiro, 15	Irmã Palmira Correia	Béziers
Fevereiro, 5	Irmã Helena Ferreira da Silva	Béziers
Março, 3	Madre Teresa de Santa Face Neves	Porto
Março, 10	Madre Sacré-Coeur Smith	Palos Verdes
Junho, 5	Madre Marie Conception Moran	Cambrai
Agosto, 15	Madre Maria do Calvário Neves	Lisboa
Setembro, 3	Irmã Sofia Osório	Béziers
Outubro, 26	Irmã Joana Guedes	Braga

Graça do Padre Gailhac

Durante a novena preparatória da festa de aniversário da fundação do Instituto, todas as Províncias intensificaram a união de oração em favor da Causa de Beatificação do Venerando Fundador. Por sua intercessão, cada Casa pedia a cura de uma doente, entre as que se encontravam mais gravemente enfermas.

Em Guimarães, a Irmã Cândida sofria de uma cegueira quase total. De um dos olhos, o médico tinha esperança de conseguir, por meio de uma operação, que a doente voltasse a ver. Porém, ao outro, declarava-o completamente perdido.

Foi esta a intenção escolhida pela Comunidade nas suas orações da novena. E, em notícias posteriores à intervenção cirúrgica, a Superiora narra o seguinte:

«Se não fora ter-se extraviado uma carta com as análises, a Irmã Cândida teria sido operada no próprio dia 24 de Fevereiro. Assim, retardou para o dia 3 de Março.

Acompanhei-a à sala de operações e o trabalho dos médicos começou. Enquanto lhe era aplicada a anestesia local, declarou-se um hematoma na vista que o médico operava e sobre a qual restava a única esperança. O que, aparentemente, era um contratempo indesejável, tornou-se a maior graça, a qual atribuímos ao nosso Fundador. Adiou-se a operação e preparavam-se para reconduzir a doente ao quarto, quando o médico, reconsiderando, disse:«— Já que estamos, vamos ver se podemos fazer alguma coisa à outra vista». Sem saber o que iria fazer e sem esperança alguma no resultado, operou-a e a Irmã ficou a ver. Oito dias depois, fez-se a segunda operação e tudo correu pelo melhor. Passados poucos dias, pôde deixar o hospital e voltar para o ambiente da Comunidade. Está radiante de alegria e todas nos unimos ao seu imenso júbilo e à sua acção de graças.

Este facto impressionou as próprias alunas e aumentou nelas a devoção ao nosso Venerando Fundador».

